



*Amor*

TRÊS POR QUATRO

Inverno/2008

"SEM BUSCAR, PRÉ-RADICAL MENTE"

"Subam, subam depressa!", ele instiga aos berros, enquanto segura o volante com uma das mãos e dispara feroz sua metralhadora giratória com a outra. Os alunos sobem prontamente, carregam os rifles espalhados pelo chão e começam a atirar nos zumbis que se agarram ao jipe. Enquanto isso, ele dá a partida, confere se todos estão a bordo, alcança rapidamente os cento e sessenta quilômetros horários. Ele sobe meio-fios, desvia mortos-vivos - olé! - e em nenhum momento deixa o vento levar seu impecável chapéu panamá.

Chegamos atônitos ao que parece o abrigo. Não rodamos tanto, mas ninguém consegue dizer onde está. O homem do chapéu panamá grita ao portão: "Rápido, rápido, eles estão vindo!". Uma criança abre, o jipe entra e seus faróis iluminam dois vultos: uma negra e um alemão cabeludo rezam ajoelhados em frente a um ícone, uma espécie de Shiva com mil pernas ao invés de mil braços, moldada em argila ao invés de metal. Eles sorriem para nós brevemente, voltam-se ao ícone e de mãos dadas continuam a prece. O mulatinho, que nos abre a porta já voltou a brincar com um baralho sem figuras.

Passamos a noite sonhando cada um o sonho do outro. Escorregávamos de espectro em espectro, como num espiral sem direção, um mar fantástico de corações, serenidade e êxtase. E, desse saltar por órbitas e almas, fizemos o Sol nascer. O homem do chapéu panamá aparece, já agitado, e dá a diretriz: "Precisamos sair, precisamos trazer mais gente para o abrigo antes que o Sol se ponha e os zumbis saiam e devorem todos". Ele nos coloca em círculo, a estranha Shiva de barro no centro, e cada um retira de um calcanhar da imagem um grão de terra.

O portão é aberto, o Sol quase nos cega, estamos em plena avenida Ipiranga. Vemos o mulatinho da noite anterior fumando um cigarro, o sinal fecha e ele começa a agitar seus malabares em frente aos carros desatentos. Olhamos para nossas mãos, os grãos de terra haviam se transformado em cartas, iguais àquelas que o menino embaralhava quando chegamos - sem figuras, apenas a mesma palavra escrita dos dois lados, uma palavra diferente por carta. O homem do chapéu panamá fecha o portão e nós estamos no meio da rua. Não precisou explicar nada: não tínhamos mais jipe, nem rifles, nem metralhadora, mas tínhamos o baralho. E era como estar armado até os dentes, desde que cada um soubesse todas as cartas dos outros. A partir daquela noite todos nós sabíamos.

"BUSCAR RADICALMENTE, SEMPRE"

"Questionar é buscar, e buscar é buscar radicalmente, ir ao fundo, sondar, trabalhar o fundo e, finalmente, arrancar. Esse arrancar de raiz e o trabalho da questão. Trabalho do tempo. O tempo se busca e se experimenta na dignidade da questão. O tempo é a virada do tempo. À virada do tempo corresponde o poder de se tornar questão, palavra que, antes de falar, questiona pela maneira de ser da escrita." Maurice Blanchot

Esta turma viveu momentos angustiantes na procura pela grande entrevista. Deparou-se com muitas dificuldades, entre as quais, pelo menos duas precisam ser apontadas: é cada vez mais complicado superarmos a verdadeira praga que são as assessorias de imprensa, cada vez mais difícil a entrevista olho-no-olho; a outra praga é a imposição de realizar a entrevista por e-mail. Ao fim, a turma superou as dificuldades e está oferecendo uma edição do 3x4 com duas grandes entrevistas. Uma com Humberto Gessinger e outra com Elza Soares, mantendo o padrão das grandes entrevistas das edições anteriores do 3x4 e da Sextante. Tenho certeza de que todos estamos satisfeitos com o resultado final.

Tenho a convicção de que esta experiência representou um importante passo na formação profissional de cada um. Além das entrevistas, todas as matérias estão marcadas pelo esforço dos respectivos autores, no sentido da procura do melhor. Esta turma tem tudo para - a partir desta experiência - realizar no próximo semestre uma grande revista Sextante.

Na contramão do perfil imposto pelo Deus Mercado, ainda é possível encontramos sonhadores, verdadeiros jornalistas.

Wladimir Ungaretti



jornal laboratório dos estu-  
dantes de jornalismo.

redação jornalística IV

*conselho editorial*

alexandre haubrich  
alexandre lucchese  
paula bianca bianchi  
danielle sibonis  
natália pianegonda

*revisão*

cristina rodrigues  
débora gastal  
frederick martins  
kauê menezes

*diagramação*

marina ferreira  
(marinaferreira@gmail.com)  
(agradecimentos ao guilherme ma-  
chiavelli pela ajuda!)

*reportagem*

alexandre haubrich; alexan-  
dre lucchese; bruna riboldi;  
caetano manenti; cristina ro-  
drigues; cristina teixeira; da-  
nielle sibonis; débora gastal;  
douglas skrotzky; felisbela  
henriques; frederick martins;  
ismael cardoso; kauê menezes;  
mariane quadros; natália leal;  
paula bianca bianchi; sara kel-  
ler; thiago morão; vanderson  
corrêa.

*orientação*

prof.º wladimir ungaretti

*impressão*

gráfica da ufrgs

junho de 2008

|  |    |
|--|----|
| O passado e o futuro do amor.....          | 4  |
| Jovens poetas e o amor.....                | 7  |
| Coração anárquico.....                     | 8  |
| Com ou sem amor?.....                      | 10 |
| Revolucionárias, com amor.....             | 12 |
| Escrevendo o amor.....                     | 14 |
| Seresteiros do século XXI.....             | 16 |
| Entrevista com Elza Soares.....            | 18 |
| Sou português de Portugal.....             | 22 |
| Entre quatro muralhas.....                 | 24 |
| Amores de garotas.....                     | 26 |
| Esporte: amor e superação.....             | 28 |
| Eu sou o Leão da Montanha!.....            | 30 |
| Ben-Hur da Santa Terezinha.....            | 31 |
| Amor e ciência: existe explicação?.....    | 32 |
| Entrevista com Humberto Gessinger.....     | 34 |
| Pra não dizer que não falei de flores..... | 38 |

Caminhando pelas ruas, cruzamos com pessoas de diferentes partes do mundo. Para cada uma delas, o amor tem um significado, seja ele efêmero ou definitivo. Os depoimentos abaixo materializam alguns destes fragmentos de emoções:

El amor para mí es lo que tu necesitas que sea el amor: a veces es rier, a veces compartir y a veces sufrir. **Love has no criteria, no rules, it just is.** Love is something you don't have to think about. **Kärlele är samma sale som att ha cancer i hjärtat.** It's caring about someone more than you do about yourself! **Compañerismo. Confianza. Respeto. Atracción. Sueños. Locuras. Sexo. Esperanza. Cuidado.** Love is send letters, not e-mails. **Ist zu hoffen, dass hinter jeder Wolke wieder die Sonne scheint.** Love is respect the rights of the other. **O amor é a única coisa no mundo que pode explicar o inexplicável.**

Paola, Nicole Sievers. Eriek Lundmark. Leigh. Sofia. Janis Dietz. Joseph Huijskens. Clarissa Selbach.

## MANIFESTO PELA UNIVERSALIDADE DO AMOR

# O PASSADO E O FUTURO DO Amor

Alexandre Haubrich (alexandre.haubrich@gmail.com) & Cristina Rodrigues (crisprodririgues@gmail.com)



Uma fotografia do amor, por antiga que seja e ainda que sua visão diga o oposto, não pode ser em preto e branco. As cores do amor são todas, e sempre foi assim. É o que se conclui conversando com alguns grupos de pessoas que já viveram este sentimento em todas as suas formas, em todas as suas forças e em todas as suas faces. A experiência que pessoas com idade avançada possuem é um ingrediente importante para que se possa compreender o amor.

Entre eles há quase um consenso em torno da idéia de que cada um sente o amor de um jeito. Além dessa, muitas outras opiniões convergem entre homens e mulheres das mais diversas raças, cores, credos e classes sociais, todos próximo ou acima dos 60 anos de idade. As histórias dessas pessoas comovem e marcam. E são muitas.

Nas primeiras seis décadas de sua vida, Gibrail, hoje com 65 anos, não sabia o que era amor. Saudoso do que não viveu, foi sentir a

grandiosidade desse sentimento recentemente, em um caso de quatro anos com uma mulher com idade para ser sua neta. "Sempre fui um sujeito duro. O amor mudou tudo. Ele torna os homens poetas", garante. Mas o coração leva também ao sofrimento. "Quando ela foi embora fiquei sem chão, impotente. O tributo pago pela minha história de amor foi muito alto, fiquei completamente desestruturado."

Uma experiência diferente tem Luiz, 64. Aos quatro anos de idade, ia de manhã ao terreno de sua casa e via a grama tomada por gotículas de orvalho que brilhavam ao Sol. Cuidava para não pisá-las para que não fossem embora. Foi seu primeiro amor. Luiz casou, mas foi reencontrarse com a mesma sensação apenas muitos anos depois, já separado, enquanto trabalhava voluntariamente em um asilo de Porto Alegre. "Um dia estava trabalhando e senti a presença de alguém. Quando virei e nossos olhares se cruzaram, vi que era a mulher da minha vida", conta com olhar perdido, talvez vendo no branco da parede o rosto da mulher 15 anos mais nova que abandonou o marido para viver uma nova história com ele. "Agora temos

uma vida maravilhosa. Ela era sem brilho quando a conheci, assim como eu, mas reamoçamos. Nesses fenômenos você encontra a presença do amor."

Luiz compartilha da opinião de que há um amor maior que todos: "Conhecer o amor em sua plenitude, só se um dia eu reencarnar como mulher e como mãe", garante. Eloá, 58 anos, concorda: "O amor de mãe é mais abrangente, é uma via de mão única, não espera retorno". E aquela que é chamada de "mãe duas vezes"? Também não foi esquecida, é claro. Iracy, aos 73 anos, foi quem lembrou: "No meu caso, o amor de vó é maior que o de mãe. Não tem amor como o que eu sinto pelo meu neto".

Avani também é mãe, e concorda que este é um amor diferenciado. Mas ela tem outra grande história, daquelas que ños fazem pensar se realmente não existe o tal do destino. Graças a uma amiga que insistiu e insistiu e não cansou de insistir, foi visitar um asilo. Lá, foi apresentada a Telmo, amigo da amiga. Jura que, ao entrar no carro para ir embora, disse à companheira que tinha encontrado o

homem com quem queria casar. Avani tinha 60 anos. Telmo tinha 65, uma perna amputada e a visão prejudicada. "Nos encontramos 15 dias depois no Hospital de Clínicas e ele não me reconheceu. Me apresentei, tomamos café e, quando me despedi, eu disse: 'Vamos namorar?'. Hoje os dois moram juntos, apesar da oposição da família dela. Telmo reconhece o esforço da esposa: "A Avani não tem igual, o que ela faz pra mim...". Entre risos, ela conta que aprendeu a cozinhar por causa de Telmo. "Quer maior prova de amor do que essa?", diverte-se.

As experiências levam essas pessoas a falarem com propriedade. "O amor é complexo, mas você acaba entendendo, pois ele próprio alarga a visão, a compreensão", opina Luiz. No ensaio de um coral, ao som de *Besame Mucho*, a sexagenária Glaci diz que o respeito é a essência do amor. E Alcora, de 74 anos, completa: "O amor é o motor da vida, mas para que seja perene é preciso doação". Ainda no clima da música de Consuelo Velázquez, Iolanda, 65 anos de experiência, acrescenta outras atitudes que formam um amor: perdão, carinho e paciência. Célia, que nunca casou, mas garante que





amou seus três noivos, abre o coração: "Meu amor é universal. Amo quem sofre e quem é feliz. Tenho 87 anos e um bisneto que é o meu maior amor". Maior *amor*, porque paixão é coisa bem diferente.

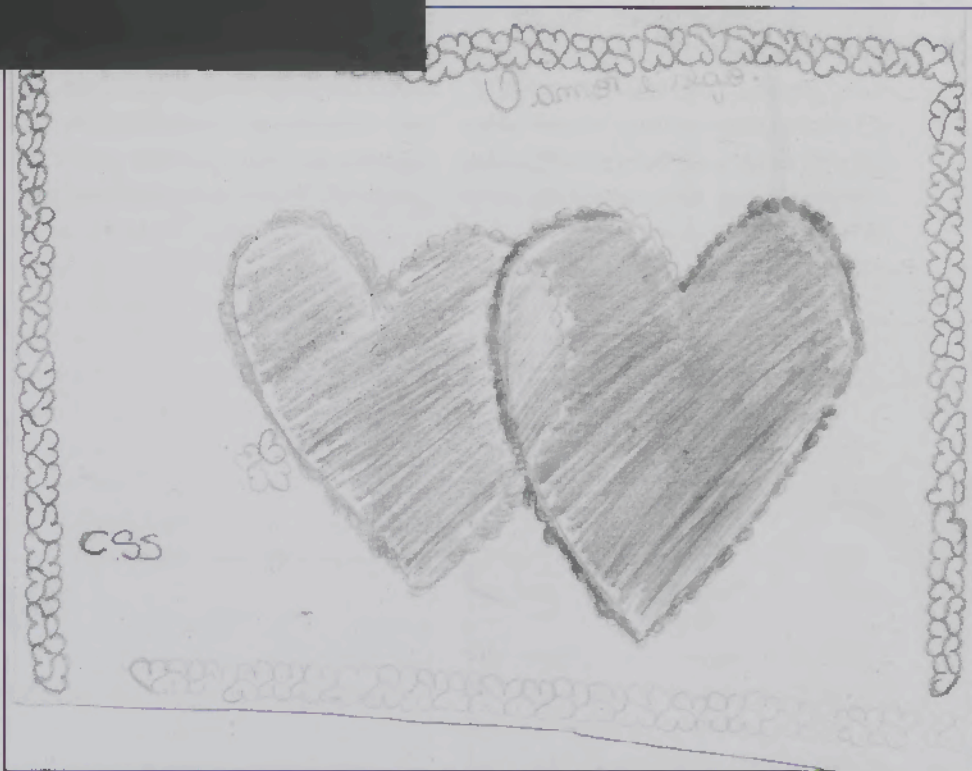
"A paixão está no olhar, na forma de vestir, mas o amor aparece depois, pelo que a pessoa tem dentro dela, pelo coração", diz Carlos Alberto, 73 anos, durante uma aula de pintura, ao lado da esposa, Leda Barcelos, com quem está há meio século. No coral, Iolanda e Iracy concordam. Para elas, o amor entre homem e mulher nasce da paixão, mas só com isso não pode durar. A generosidade é um bom começo: "Um casamento por amor não pode acontecer para que a pessoa seja feliz, mas para que faça o outro feliz", completa Iracy.

Essas pessoas fizeram o passado do amor, fazem seu presente e ainda farão muito por seu futuro. Um futuro que os preocupa ao mesmo tempo em que traz esperanças. Leda Barcelos acha que hoje não existe o respeito de antes, nem a mesma paciência. Eloá concorda, mas acredita que o grande problema é a banalização da palavra "amor": "Muitos jovens acham que fazer sexo é amar", reclama. Ainda assim, Glaci Filter, 57 anos, vê uma grande vantagem nos dias de hoje: "Temos mais liberdade para escolher. Melhorou muito, principalmente para a mulher". Essa característica aparece também nas relações familiares, segundo Leda Barreto, 68: "Antigamente não se aprendia a dar carinho para os pais. Eu só beijei meu pai morto", admite em voz baixa e hesitante.

A ansiedade em falar a todo instante é tanta que, aos poucos, alguns começam a levantar-se de suas classes, na Escola Estadual Mané Garrincha, em Porto Alegre. Quando percebemos, estamos cercados por pequenotes, todos falando ao mesmo tempo, alguns pegando em nossos braços, praticamente implorando por uma chance de falar, de participar. De uma coisa as crianças têm certeza: elas vão viver seus grandes amores, já

"Amor é amar ao próximo, fazer as coisas pros outros", acredita Ezequiel, dez anos. "Amor é uma paz, uma humildade", diz Estefany, da mesma idade, apaixonada pelo namorado de 11 anos. Ela não tem dúvida de que "quando uma pessoa gosta da outra, tem que lutar por esse amor".

Jhonatan, 13 anos, segue na mesma linha: "Amor é carinho, agrado, presente, solidariedade. Simboliza paz e harmonia". Para ele, o verdadeiro amor nunca acaba. "Uma pessoa apaixonada faria de tudo pela outra", completa. Essa visão romântica é comum aos colegas da mesma faixa etária. Wesley, um menino pequeno, risonho e muito espoleta de dez anos, fala sério quando afirma que "amor é tudo, ele é infinito". Diovanna tem a sua receita de felicidade na ponta da língua: "Se a gente ama de verdade, não pode seguir o que os outros dizem".



Independente das ações, o que ficou dos anos passados e deve sempre ficar é o sentimento mais puro, definido por Josefina, 70 anos, em um conceito que abrange todos os lados da questão: "O amor não tem limites, é lindo em todas as partes, é a coisa mais linda que existe. Onde ele não existe, não existe nada. Sem o amor, nada na vida é perfeito".

\*\*\*

No que depender das crianças de hoje, a fotografia do amor nunca vai desbotar. Juntos, os 13 pequenos com quem conversamos somam não mais do que 20 metros de altura. Por mais que faltem histórias nas suas vidas ainda muito curtas, a visão que têm sobre esse sentimento já é bem definida e segura, como se vários amores já tivessem passado por seu caminho. As crianças mostram que são inexperientes, mas não bobas. Cada vez mais novas, já aprendem a lidar com sentimentos e com palavras.

que não há vida sem amor. Pelo menos não para Carla, de dez anos, que acredita que "quando duas pessoas ou mais se amam, ninguém separa".

Se meninos e meninas de cerca de dez anos fossem a uma cozinha preparar uma receita de amor, misturariam alguns dos mesmos ingredientes da receita dos idosos. Ingredientes que parecem instintivos, como confiança, solidariedade, altruísmo.

Amor nem sempre é feito apenas de felicidade. Alguns desses garotos e garotas já sabem muito bem disso. O caso da menina mais adolescente da turma é mesmo mais comum para a faixa etária, infelizmente. Ao ser questionada sobre amor, Nadyne, 12 anos, não pestaneja: "Me separei da minha mãe porque o marido dela me maltratava, e maltrata ela, mas mesmo assim minha mãe ama ele". O



ressentimento fica estampado no rosto da criança que diz amar "um pouquinho" quem lhe deu a vida.

O que falta na relação de Nadyne com a mãe sobra na com os irmãos. A naturalidade com que ela fala do amor pelos seis é estranhada por Cristiel-len, de dez anos. "Meu pai só dá ouvidos à minha irmã mais nova, de cinco anos". Camila, com toda a experiência de uma década inteira de vida, enxerga uma relação de amor misturado com um ciúme natural. "Minha mãe paparica mais minha irmã e eu fico enciumada, mas não tem por quê, depois ela me valoriza

mais também. Se a gente pensar, a gente vê que os pais gostam igual dos filhos", encerra.

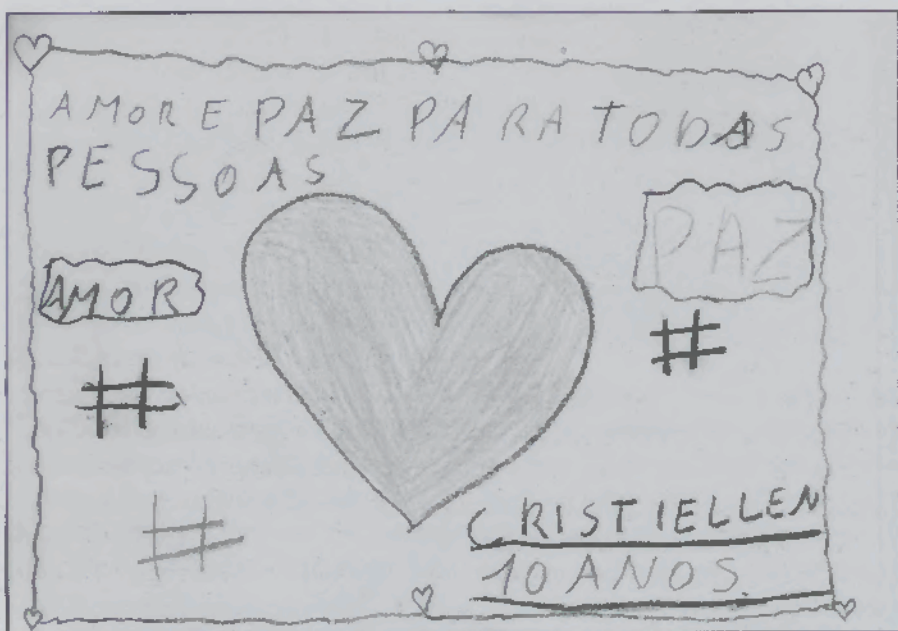
Ninguém duvida da importância do amor pela família. Mas os exemplos não param por aí. Amor por brincar, pelos estudos – chamado de amor "nerd" por Estefany –, por bichos, pelo time são alguns dos tipos mais lembrados. Jhonatan acredita que o amor pode ser fraco, forte, legal, chato ou ridículo. E as crianças já aprendem a respeitar todos os gostos. Nadyne não esquece do amor "lésbico" entre os tipos citados. A busca por uma alma gêmea, seja ela quem for, é o único assunto que os deixa sem jeito. A vergonha está estampada nos pequenos rostos, agora ver-

melhos, quando perguntamos sobre namorados e namoradas.

Pâmela, dez anos, é quem conta sua pequena grande história com mais desenvoltura: "Eu amo uma pessoa que não gosta de mim, porque eu não uso roupas de marca. Ele tem 12 anos e mora na minha rua. Tô namorando um menino aqui do colégio, que às vezes eu gosto, às vezes não". Nadyne se anima, e conta que namora seu vizinho Vini, que também a ama. E expõe já um pequeno traço de preconceito: "Não tem como ficar com ele pra sempre porque eu vou ser sempre dois anos mais velha do que ele". Wesley, aquele menini-

nho inquieto e sorridente, discor-da: "Quando duas pessoas que se amam se juntam, é pra sempre".

Aos poucos, as crianças vão se soltando também neste assunto tão espinhoso para eles, e terminamos nossa conversa entre sorrisos e confissões. Jennifer, dez anos, explica o motivo da retração inicial: "Só porque eu gosto de uma pessoa (o namorado, de 17, com que ela diz estar há cinco anos), todo mundo fica implicando. O Hector tem ciúme de mim. O Wesley implica comigo porque ele já pediu pra ficar comigo e gosta de mim". É claro que os dois, entre sorrisos sem graça, negam.



Amor é quando duas pessoas se encontram e formam uma corrente de força. (Pâmela Ciceri Rodrigues, 10 anos)

## JOVENS POETAS E O AMOR

os emos do século XXI

Mariane Quadros (nanimsq@gmail.com) &amp; Cristina Teixeira (cris.c2@gmail.com)

“Do mesmo modo como a natureza declara agora o outono, também dentro e em volta de mim o outono se manifesta. As minhas folhas amarelecem, e as folhas das árvores vizinhas já caíram.”

“Uma lágrima rolou do meu olho ao perceber que era a única vez que eu ia ver você, outra lágrima rolou dentro do meu coração ao ver a velocidade com que as vidas vêm e vão.”

Os sofrimentos do jovem Werther, de Goethe, e *Duas Lágrimas*, da banda gaúcha Fresno. Você conseguiria ligar cada um dos trechos acima ao seu respectivo autor? É provável que sim, mas ignore seu conhecimento prévio e concorde: estamos falando única e exclusivamente de conseqüências existenciais de amores não correspondidos. Seriam os românticos do século XVIII e XIX a primeira versão dos emos que cruzamos pelos shoppings centers da vida?

Lançada em 1774, a obra *Os sofrimentos do jovem Werther* é considerada um marco da estética romântica. Escrito em forma

de diário, seu final é dramático: Werther, o personagem principal, comete suicídio, por causa de um amor frustrado. Na época do lançamento do livro, que fez enorme sucesso entre os jovens europeus, houve uma onda de suicídios por causas amorosas. No Brasil, poetas como Álvares de Azevedo e Casimiro de Abreu integram a Segunda Geração do Romantismo, também chamada de Ultra-Romântica. Esse grupo de escritores, todos muito jovens, é caracterizado pelos textos de conteúdo egocêntrico, cheios de melancolia e pessimismo, focados em desilusões e amores – muitas vezes platônicos.

Já no século XXI, rótulos como patricinhas, mauricinhos, góticos, punks e neo-hippies passaram a conviver com uma nova tribo: os emos. O nome vem de *emotional hardcore*, vertente do punk que mescla som pesado com letras românticas. Esse gênero, intitulado emocore, surgiu em Washington, nos Estados Unidos, na década de 80. A banda gaúcha Fresno tem sido uma das responsáveis pela proliferação do estilo entre os jovens brasileiros.

De acordo com o professor de Literatura da Universidade de São Paulo, José Miguel Wisnik, o Romantismo é a arte da burguesia. A busca por uma arte que identificasse a sociedade emergente, que refletisse novos padrões de expressão artística ligados ao um cotidiano aristocrata evocava uma arte sem regras e sem modelos. Para Wisnik, o Romantismo é repleto de traços narcisistas, trazendo consigo marcas profundas da influência capitalista e da ascensão burguesa,

marcadas pelo individualismo e pelo liberalismo.

A arte romântica era voltada para a efervescência social e política. Quebrando os padrões clássicos, a arte deveria ser a expressão da emoção, da intuição e da inspiração. O uso da fantasia e do sentimentalismo uniu-se à impulsividade e ao exotismo romântico, transformando o movimento em um emaranhado de solidão, conflito interior e morte.

A união do romantismo emocional com a linguagem visual da internet representa o comportamento das tribos que surgem na atualidade. A exemplo dos emos, esse eterno revival misturado com elementos do dia-a-dia dos jovens resulta sempre numa cíclica busca à sua própria identidade, bem típica dessa geração. De acordo com André Luiz Rocha, baixista da banda EMO//5, “uma música não pode ser emo se ela não tiver sentimentos como o amor, a decepção e a dor”. Sobre isso, o crítico argentino Hermán Das comenta: “Afinal, a maioria daqueles deprimidos e sensíveis poetas da Segunda Geração Romântica eram filhos de famílias abastadas com uma enorme falta do que fazer pensando nas suas costas. E, como ainda não era possível fundar uma banda de rock ou percorrer o mundo em uma moto, nada melhor do que se entregar a musas impossíveis, cujas personalidades beiram a perfeição, exatamente como Werther fez”.

As semelhanças entre esses grupos de garotos românticos demonstram que, após dois séculos, o amor ainda é considerado importante, apesar das diversas mudanças nos relacionamentos. E contraria a idéia de que as relações entre os jovens hoje estão vazias de sentimento, levando à perda do romantismo.

### Alguém Como Você Nx Zero

Vejo o seu rosto  
lembro de você em todo lugar  
lembro, velhos tempos,  
vai ser difícil encontrar  
(...)  
vejo seus retratos  
sinto muita falta de você  
lembro, velhos tempos  
vai ser difícil esquecer

### O Lenço Dela Álvares de Azevedo

Um romance cantou de despedida,  
Mas a saudade amortecia o canto!  
Lágrimas enxugou nos olhos belos...  
E deu-me o lenço que molhava o  
pranto.  
(...)  
Nunca mais a encontrei na minha  
vida,  
Eu contudo, meu Deus, amava-a tanto!  
Oh! quando eu morra estendam no  
meu rosto  
O lenço que eu banhei também de  
pranto.

### All I Want For Christmas Is You My Chemical Romance

Eu só quero você para mim  
Mais do que você pode imaginar  
Faça o meu desejo se realizar  
Tudo que eu quero de natal é você

### Moreninha Casimiro de Abreu

Moreninha Moreninha,  
Tu és do campo a rainha,  
Tu és senhora de mim;  
Tu matas todos d'amores,  
Faceira, vendendo as flores  
Que colhes no teu jardim



*"Se eu te amo e tu me amas*

*E outro vem quando tu chamas  
Como poderei te condenar  
Infinita tua beleza  
Como podes ficar presa  
Que nem santa num altar"*

*(A maçã, Raul Seixas e Paulo Coelho)*



**"Q**ue nem santa num altar" – foi a religião que fez do sexo, pecado; do prazer, culpa. Falar em amor livre é falar em liberdade: fica porque quer, faz porque gosta. E é também falar de amor: fica com quem quer, faz com quem gosta. Assim, os sentimentos, o carinho, a amizade e as relações sexuais são isentos de dominação e de exploração. O amor livre é anárquico.

"Se um cachorro amarrado não foge, ninguém por isso o considerará um companheiro fiel", escreveu o psicanalista austríaco Wilhelm Reich, defensor da educação sexual em massa, um dos pioneiros em combater a ditadura monogâmica e a repressão sexual. No auge do Nazismo, Reich falava abertamente em contracepção, aborto e prazer. Para ele, defender a vida era reconhecer os direitos do sexo. "Falamos do 'caos sexual' que a vida com amor livre acarretaria, e as massas dão ouvidos aos que dizem isso, e confiam neles porque usam casaca e óculos de aro dourado, podendo assim falar como líderes" (*A revolução sexual*, 1936).

Uma década depois de sua morte, o país que o condenou (preso em 1956, nos EUA, por desacato à justiça e violação da lei de alimentos e drogas, Reich morreu na Penitenciária Federal de Lewisburg, Pensilvânia, por conta de um ataque cardíaco) assistia ao movimento contracultural, cujo slogan "faça amor, não faça guerra" ecoava um tema reichiano. "Se Reich tivesse vi-

vido até os anos 60", escreveu Gay Talese, "com certeza teria visto muita coisa que confirmaria suas previsões, feitas havia muito tempo, de que a sociedade estava 'despertando de um sono de milhares de anos' e que estava prestes a celebrar um evento memorável [...], que era nada menos que uma revolução dos sentidos" (*A mulher do próximo*, 1980).

O final da década de 60 abriu uma porta no sistema e, embora ainda haja sólidas paredes de um moralismo inibidor e hipócrita, que cosbe o que não se encaixa no modelo hetero-monogâmico e defende relacionamentos baseados na posse (que não garantem o bendito "e foram felizes para sempre"), algumas pessoas não se deixam castrar por parâmetros impostos, vivendo em liberdade os seus desejos e a intensidade dos seus amores.

\*\*\*

No hall de um hotel, perdida entre tanto mármore, percebi um caboclo alto, calça cor de laranja, camiseta amarela e sorriso fácil, dividindo espaço com muitos ternos e alguns caras estranhos, do tipo que usam camisetas escrito "40% sexy, 60% rich"... Na mesma noite fui apresentada ao primeiro: Eliakin Rufino, 52 voltas ao redor do Sol. Poeta e filósofo de Roraima, seus poemas – embalados, chacoalhados, escorregando em música, numa miscigenação harmoniosa e atualizada – fazem críticas sociais, sem perder o sorriso, e falam, entre outras coisas, de natureza, liberdade e amor livre, temática extraída da própria vida de Eliakin.

*Eu entendo mas não sou entendido \**

*Gosto de ver homem com homem assumindo seu papel  
Lutando pelo direito ao casamento, adotando filhos  
Rompendo os trilhos do sistema estabelecido  
Eu entendo, mas não sou entendido  
Gosto de ver mulher com mulher beijando na boca  
Escandalizando quem ainda está de toca  
Mostrando que o amor é muito mais  
Que o amor não cabe num sistema estabelecido  
Eu entendo, mas não sou entendido  
Gosto de ver homem com mulher Heteros felizes desfrutando livres seus momentos de prazer e gozo tudo dentro dos conformes do sistema estabelecido  
Eu entendo, mas não sou entendido  
Gosto de ver homem com mulher e homem e mulher com homem com mulher  
Curtindo sua vida bi, colibri de flor em flor  
Metendo o bico onde tem amor  
Pirando com o sistema estabelecido*

\*"entendido" é uma gíria utilizada pelos gays para se auto-denominarem

coração

ANÁRQUICO

Danielle Sibonis (danizzita@gmail.com)

O amor é um doce travoso, inocente, perigoso.  
É carinho de punhal. Sim e não. Bem e mal. O  
amor é remédio. É veneno mortal...

08  
3x4



**Danielle Sibonis - O que é amor livre?**

**Eliakin Rufino** - É amar a quem nos ama sem reservas e entregar a nossa boca para o beijo, e entregar o nosso corpo para o amor, pois o corpo só é corpo com outro corpo que lhe dê calor. É a alegria e o prazer de um abraço. É fazer com que dois corpos ocupem o mesmo lugar no espaço.

**DS - Quando e como você o descobriu?**

**ER** - Eu fui *hippie* nos anos 70, os anos do desbunde e do amor livre no Brasil. O amor livre era uma das bandeiras do movimento. Naquele momento nós íamos *Casais Trocados*, do John Updike, o *Kama-Sutra* e, já no início dos anos 80, os livros de Bhagwan Rajneesh, entre eles o *Tantra*, *Sexo e Espiritualidade*. O acampamento desse guru indiano no Oregon (EUA) foi um centro de amor livre. Nós íamos e fazíamos amor. Era época da ditadura militar e só o amor era livre.

**DS - A sua namorada tem também relações sexuais com outra mulher. Como começou essa história? Ela conversou/negociou com você?**

**ER** - O nome dela é Marcela D2 e ela tem 23 anos. Nós já éramos amigos, desde quando ela tinha 16 anos, e ela sempre falou abertamente sobre sua vida sexual e eu até conheci uma namorada dela. Quando começamos a namorar, ela já tinha 21 e havia tido uma experiência hetero, mas continuava a manter relacionamentos com garotas. Ou seja, uma bissexualidade assumida. Quando nós começamos a namorar eu já sabia e respeitava esse histórico, essa preferência, essa opção, esse prazer diferente. Não houve uma negociação, houve paixão e aceitação das diferenças.

**DS - Como você se sente vendendo com outra pessoa? E se fosse com um homem, sua reação seria a mesma?**

**ER** - Sinto que ela está feliz e que isso lhe dá prazer. Principalmente o prazer de não ser reprimida. Eu até fotografei um desses encontros, e é encantadora a beleza do amor entre as mulheres. Há poesia e dança nesse amor. Há homens que gostam de ver sua parceira fazendo sexo com outro homem. Eu ainda não expe-

rimentei. Não se trata de reagir desta ou daquela maneira, não é uma surpresa ou uma pegadinha. Há vários tipos de triângulos amorosos. O prazer deve estar em primeiro lugar. Não dá pra fazer nada só pra ver como o outro vai reagir. É melhor agir do que reagir.

**DS - Antes desse seu namoro, como eram suas relações? Baseavam-se no amor livre?**

**ER** - Embora eu tenha sido um rebelde na juventude, e tenha me aventurado nas estradas da vida e do coração, aos 25 anos eu concordei em viver um casamento monogâmico, de formato convencional. Passei 22 anos casado. Sou pai de duas filhas. Mas, durante este período de casado, me apaixonei e amei outras mulheres em relacionamentos paralelos que duraram até dez anos. Eu vivi os amores que a vida me deu. Vivi e deixei viver.

**DS - Você tem relações com outras pessoas além da sua parceira?**

**ER** - Embora o coração já esteja lotado, sempre aparece alguém procurando abrigo e a gente termina arrumando um cantinho, dando um jeitinho para acomodar mais alguém no coração. É casa de mãe, é pronto-socorro. Porque o coração é um músculo maiúsculo, inflável, volúvel, volátil, versátil, inesperado, flexível, maleável, mole, "coração bobo, coração bola, coração bala". Mas a variedade cansa e é mais intenso curtir um amor de cada vez.

**DS - Para o psicanalista Wilhelm Reich "o cerne da felicidade da vida é a felicidade sexual". Qual é a diferença entre amor livre e sexo livre?**

**ER** - Concordo com Reich. Eu escrevi um poema em que eu digo que "sexo diário continua sendo o melhor remédio, quem ama não adoce, quem tem tesão não tem tédio". Tenho feito sexo diário nos últimos 25 anos, e esse é com certeza o cerne da minha felicidade. Separar as coisas, polarizar, é cair num dualismo sem saídas. Corpo e alma, amor e sexo, são armadilhas. Não há diferenças entre amor livre e sexo livre porque não há essa divisão. Quem divide, divide para dificultar as coisas. Divide para tentar hierarquizar, classificar, etiquetar.

**DS - O que é o mais difícil ao se viver o amor livre?**

**ER** - A repressão sexual devastada as existências humanas na civilização cristã ocidental. Há muito conservadorismo, excessivo moralismo, regras. Há uma norma que atrapalha. Há pessoas que repetem sem pensar que "liberdade demais faz mal". Ora, liberdade não pode fazer mal. A liberdade assusta, a liberdade angustia, a liberdade amedronta, embora seja absurdo que isso aconteça. Amor livre é quase putaria, então as pessoas sentem esse temor de pecar. Adoro a letra de um bolero que diz "ai cariño, yo tengo un pecado nuevo que quiero estrenar contigo".

**DS - O que muda quando se vive o amor livre?**

**ER** - Amar e ser amado exige sempre uma mudança permanente. Grandes amores, grandes mudanças. Mudança de tudo: de lugar e de mentalidade. Viver o amor livre, sem se importar com os outros, sem se importar com o inferno dos outros, requer uma atitude revolucionária. O milagre da mudança. A força da mudança. Quem ama, muda. Amor é mudança. No final da década de 60, o amor livre era tema recorrente, a libertação sexual alterava as relações profundamente, a contracultura rompia com os padrões de então.

**DS - O que mudou de lá para cá?**

**ER** - Há uma dinâmica no comportamento do ser humano. Mas o século XXI chegou com o acelerador lá em baixo. Vamos agora numa velocidade maior de mudanças. Naquele momento falava-se em contra-

cultura, hoje se fala em multiculturalismo, diversidade cultural, alteridade. O fenômeno da globalização. O amor continua sendo livre. Os adeptos do amor livre estão em toda parte.

**DS - A Aids freou o amor livre?**

**ER** - A Aids veio atingir o que nós temos de melhor: o prazer sexual. É a peste. É a velha peste que dizima. A sífilis foi uma antecessora da Aids. Essas pestes sempre frearam um pouco o gosto pela diversidade, pela variedade.

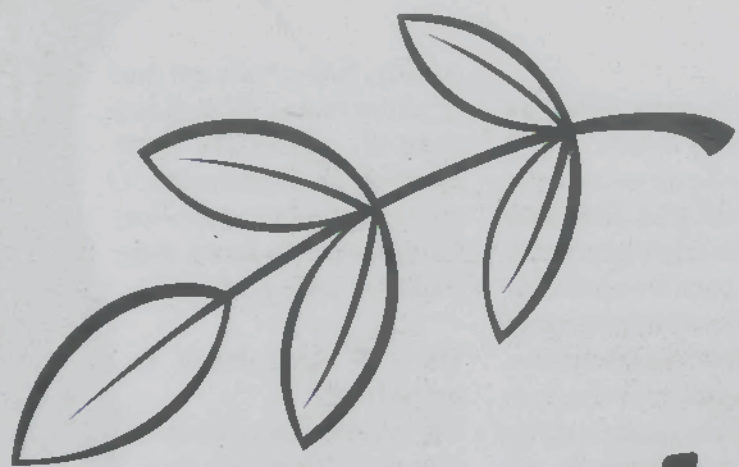
**DS - E o moralismo?**

**ER** - O moralismo freia muito mais. Aliás, falso moralismo, hipocrisia, na maioria das vezes. O amor livre continuará sendo vivido pela minoria hedonista da humanidade. O Jardim de Epicuro é frequentado por poucos.

**DS - O que é preciso para viver o amor livre?**

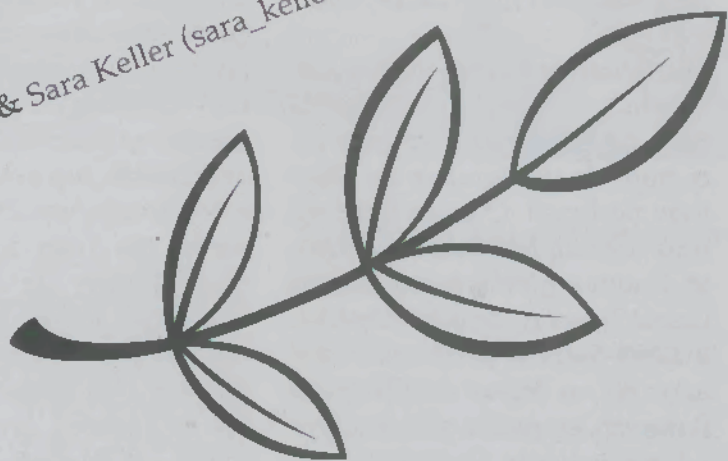
**ER** - Uma mente aberta, um coração aberto, uma agenda aberta, uma porta aberta. Mas com cuidado para não escancarar. Eu aprendi que relacionamentos que começam abertos terminam escancarados. Nem todo mundo está preparado para este tipo de amor. Infelizmente, o amor livre ainda é o amor de Oscar Wilde e Alfred Douglas, o amor repudiado pela sociedade, perseguido, discriminado, rejeitado, censurado, o amor que não ousa dizer seu nome.





# COM OU SEM AMOR?

Bruna Riboldi (bruna.angelica@gmail.com) & Sara Keller (sara\_keller25@hotmail.com)  
Fotos de Bruna Riboldi



Manhã de domingo. Jovens, adultos e crianças sentados ao Sol tomam chimarrão e conversam. E riem. E se divertem. Próximo dali, banquinhas de antiguidades oferecem as raridades mais diversas, como em todas as semanas. Pensou que está no Brique da Redenção? Não, esta é uma capela positivista.

Uma escadaria com as máximas desta doutrina gravadas em seus degraus guia o visitante até o interior da capela, uma das três únicas no mundo inteiro. A escada conduz, e quem chega é recepcionado pelo lema maior: "Amor por princípio, ordem por base e progresso por fim". Reconheceu essas palavras? Duas delas estão na bandeira do Brasil. Mas por que não o amor?

Surgido no século XIX, o positivismo teve como figura central o francês Auguste Comte.

O filósofo buscava uma ciência da sociedade que provasse seus resultados através de leis e métodos. Ele abriu caminho para muitos pensadores que vieram depois, como Émile Durkheim, um dos maiores nomes da sociologia. As principais características do positivismo são a realidade, a utilidade, a certeza e a precisão do conhecimento. Este pensamento foi bastante difundido pelo mundo. Até uma religião positivista foi criada, cultuando a humanidade

e seus grandes homens ao invés de deuses e santos. Foi numa das capelas construídas para servir de templo para esta religião que começamos a tentar encontrar algumas respostas.

O pensamento positivista teve uma presença muito forte na política brasileira, influenciando nomes de importância na história do país e do Rio Grande do Sul. Uma de suas principais heranças pode ser vista hoje estampada na bandeira nacional.

De 15 a 19 de novembro de 1889, o Brasil teve uma bandeira muito semelhante à de outro país do continente americano: os Estados Unidos. As únicas diferenças eram as cores utilizadas nas listras, o verde e o amarelo. O quadrado situado no canto superior esquerdo, de um azul celeste, continha as estrelas representando os estados nacionais. Mas este símbolo durou apenas quatro dias. Teixeira Mendes, uma das mentes por trás dos primeiros passos da República, mostrou a Benjamin Constant o projeto da nova bandeira brasileira, que foi aceito sem qualquer modificação. Desta forma, o estandarte do nosso país transformou-se no que conhecemos hoje: o retângulo verde, o losango amarelo, a esfera celeste com os dizeres positivistas "ordem e progresso" e as estrelas ilustrando o céu do Rio de Janeiro no dia 15 de novembro de 1889.

Em entrevista ao jornal

O Estado de São Paulo, em 14 de julho de 2003, o artista gráfico brasileiro Alexandre Wollner levanta a discussão por uma nova bandeira do país. Para ele, o estandarte seria um exemplo de mau design: "Intuitivamente você percebe. Não consegue explicar, mas sente. Na bandeira brasileira, sente-se que existe algo de errado". Outra pessoa que segue na mesma linha é o designer global Hans Donner, que pretende retomar as idéias de modificações na figura da bandeira que conhecemos hoje. Entre alterações como a faixa central curvada para cima e as cores em tons degradê, está a inclusão do amor no lema da faixa central.

Dentro da capela positivista, Afrânio Capeli, o guardião do lugar, e Fernando Barth, colaborador, misturam-se aos visitantes para tentar resgatar a memória de um universo quase esquecido. Quando questionados sobre as possíveis alterações na bandeira, mostram-se reticentes. "O amor não está na bandeira, mas nas nossas ações", diz Afrânio. Já Fernando acredita que a verdadeira bandeira não tem palavra nenhuma: "Acho que esta foi elaborada com algum tipo de emoção momentânea, e a importância do positivismo ficou plasmada na faixa central".

A jornalista e artista plástica gaúcha Cló Barcellos concorda: "Frase em bandeira não tem nada a ver. Não se lê nada, pois





bandeira é para estar em movimento. Portanto, deve cair a frase, com ou sem amor". Sobre as alterações propostas, Clô diz não ver problema em tornar a faixa branca ascendente, já que a imagem atual remeteria a algo negativo, depressivo. E acrescenta: "Ali, naquele espaço, poderia estar escrito Brasil, já que algumas pessoas reclamam que deveria haver o nome do país na bandeira, o que eu acho absolutamente desnecessário".

E se o amor estivesse na bandeira? Qual seria seu significado, de acordo com o pensamento positivista? Para Fernando Barth, a palavra amor contida no lema máximo desta doutrina representa "união e tolerância no relacionamento amigável entre as pessoas". Enquanto a ordem, por sua vez, significaria algo no sentido de que "a organização leva rapidamente, ou com mais consistência, ao progresso, aos melhoramentos".

Mas as perguntas – e nossa busca por suas respostas – são inevitáveis. Será que, se o amor estivesse presente no lema da nação, mudaria algum aspecto na política nacional ou na própria conduta dos brasileiros? "A

mudança da bandeira não significaria a solução para o nosso país. O buraco é bem mais embaixo: nada vai mudar na real. O amor é algo muito pessoal, íntimo e importante demais para virar slogan cívico", diz Clô Barcellos.

Para alguns, sem o amor na bandeira o lema pode parecer um tanto autoritário. Não é o que pensa o guardião Afrânio Capeli: "A bandeira não é autoritária, e sim dirige a uma ordem específica para o crescimento, porque sem ordem nós iríamos cair na anarquia. Ela é necessária: quando está tudo ordenado, não há problema para dirigir".

Já passa do meio-dia, e a capela se esvazia mais uma vez. Ficará fechada por seis dias, até a manhã do próximo domingo. Com ou sem amor? Afrânio senta-se pensativo em uma das cadeiras que seriam usadas pelos positivistas no culto e responde: "Somente quando está tudo estabilizado o amor impera. Então poderemos substituir a ordem pelo amor. Amor e Progresso. Mas nesse momento nós precisamos da ordem até que tenhamos o estágio final da humanidade".





# Revolucionárias, *com Amor*

Cristina Rodrigues (crisprodriques@gmail.com)  
Fotos de Cristina Rodrigues

Olhos experientes em um rosto de menina me receberam na secretaria do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra no centro de Porto Alegre. Eram tímidos os gestos de quem muito jovem já aprendeu a lutar. E tem pela luta tamanho amor que faz dela seu principal objetivo, e da conquista desse objetivo seu maior sonho.

Gleisa Campigotto tem 22 anos, um filho de seis e uma utopia de séculos. Esses são os dois amores com os quais ela tem que lidar ao mesmo tempo. E nem sempre consegue. Eduardo tem uma infância que lembra a da mãe. Mora no assentamento onde os avós vivem desde 1983, convive com a "mística" dos movimentos rurais e já aprende os primeiros passos de uma trajetória de dedicação a uma causa. A diferença é que o filho mora com a avó, enquanto Gleisa foi criada com os pais e os irmãos. Foi uma decisão que ela teve que tomar quando o movimento cresceu demais dentro dela. Era se mudar para Porto Alegre e fazer o seu trabalho com a juventude do MST ou morar no campo com Eduardo. O amor pela causa bateu um pouco mais forte.

Como qualquer mãe, Gleisa sente saudade do filho que mora longe, em Pontão, no norte

do Rio Grande do Sul, a 313 quilômetros de Porto Alegre. Mas não se arrepende das escolhas que fez: "Quando a militância te condiciona algumas coisas, tu faz a opção. Agora, nesse período, eu vou ficar aqui". O coração da mãe se comprime quando o filho pergunta se eles um dia vão morar juntos. Está nos planos de Gleisa, desde que seja "dentro das condições que o movimento proporcionar".

O menino nasceu quando ela tinha apenas 15 anos. Em função da gravidez, casou e morou três anos com o pai de Eduardo, Junior, em Constantina, município vizinho a Pontão. Durante esse período, se afastou da militância, por causa do filho e da diferença na visão de mundo do marido. "Na verdade ele não acredita no que eu acredito, são sonhos diferentes", explica. Gleisa diz que Junior é um rapaz comum, preocupado em ganhar dinheiro e comprar coisas caras, enquanto ela sonha em construir uma nova sociedade a partir da solidariedade.

O que antes a separou da luta virou um motivo para terminar o casamento. Além do desgaste de dois jovens dividindo o mesmo espaço e a mesma vida, os projetos de cada um ajudaram a estremecer a relação. "De certa forma o movimento afastou a gente, porque quando tu não sonha, não comunga dos mesmos projetos, tu acaba te distanciando das pessoas."

Com a separação, no final de 2004, Gleisa voltou para a casa dos pais com o filho pequeno. No ano seguinte, já contribuía em uma escola agrícola do movimento junto com a mãe. "E aí eu voltei integralmente, manhã, tarde, noite, de coração", lembra. Foi então, com 18 anos, que ela passou a dedicar a vida à militância. Um ano e meio depois, o movimento a trouxe para a capital para trabalhar na formação da juventude urbana. Desde 2006, ela vive, com outras 15 pessoas, no alojamento do MST para os militantes que fazem tarefas estaduais e na secretaria.

Mesmo com a distância das pessoas que ama, Gleisa continua na luta: "Acho que o amor pelo movimento e pela causa é maior que todos os problemas que se tem, ele se supera e segue". E continua com a mesma dedicação e a mesma vontade de contribuir para a construção de um novo projeto social. "Eu acredito que o movimento é uma



porta pra isso. A gente se apaixonou pelo trabalho pra construção dessa nova sociedade, que é a utopia que a gente acredita." Utopia que é seguida não só com a razão, mas com o coração. "A gente tem amor por isso, porque com o movimento a gente consegue ver uma força caminhando junto. Sozinha nesse mundo louco, acho que eu não seria feliz". Gleisa não sabe ainda como vai ser a vida no futuro, mas tem a certeza do amor por uma causa e sabe que não pode se separar dela. Carrega na cabeça e no peito a frase de Ernesto Che Guevara: "O verdadeiro revolucionário





é movido por grandes sentimentos de amor”.

\*\*\*

Uma mulher de um metro e meio de altura, com uma perna menor que a outra, judia e polonesa conquistou o coração do revolucionário Leo Jogiches. Para o final do século XIX, essas características faziam dela uma mulher aparentemente sem grandes atrativos. No entanto, dona de um agudo senso de ironia e um espírito crítico aguçado, além de grande intelectual, militante e dirigente política, ela deixou não apenas um homem a seus pés.

No caso de Leo, o amor foi correspondido. Desde os 19 anos, a filósofa marxista e revolucionária polonesa Rosa Luxemburgo era apaixonada por esse homem quatro anos mais velho com quem nunca casou, mas com quem viveu uma grande história de amor por uma década e meia. Apesar da força do sentimento – cada um foi, certamente, o que se costuma chamar de “amor da vida” do outro –, essa relação foi, desde o princípio, conturbada. “Primeiro porque o Leo, ainda que fosse um socialista revolucionário, tinha aquela relação de homem pra mulher onde o homem é sempre o dominador”, diz Luiz Paulo Pilla Vares, autor do livro *Rosa, a vermelha: vida e obra de Rosa Luxemburgo*. Mas a causa socialista, que fez com que Rosa e Leo se conhecessem e se aproximassem, foi também um dos motivos do seu afastamento.

Rosa enfrentava qualquer tipo de luta e sabia se posicionar através de suas idéias políticas socialistas. Apesar do estereótipo de que o revolucionário é um homem duro, pela leitura

de suas cartas a Leo, descobre-se uma mulher sensível, delicada e dedicada, mas firme. Para ela, a felicidade pessoal era tão importante quanto a dedicação à política. Leo se enquadrava melhor no perfil clássico, do homem disposto a tudo pela causa. Para ele, a revolução merecia dedicação total, e a intimidade com Rosa acabava ficando para segundo plano. “Suas cartas não contêm nada, nada mesmo, exceto a causa operária”, ela lhe escreveu reclamando em 1894.

Rosa conseguia se dedicar inteiramente ao Partido Socialdemocrata Alemão, do qual fizeram parte até 1917, e a Leo. De fato, “ela não deixou de militar um único dia durante toda a vida curta que teve”, como afirma Pilla Vares, mas desejava para o relacionamento o mesmo ideal que sonhava para a sociedade. O socialismo não dava certo na relação a dois. Eles não conseguiam dar ao outro a liberdade que sonhavam para o mundo.

Rosa Luxemburgo e Leo Jogiches se conheceram em 1890, na Suíça. A partir de então, a cronologia das suas vidas contém muito mais passagens políticas do que pessoais. A vida deles era a causa. Entre a fundação de partidos e ligas e as inúmeras prisões de Rosa por motivos políticos, eles trocaram mais de mil cartas em que falam de amor – principalmente Rosa – e discutem teoria e estratégias.

Moraram juntos por muito pouco tempo, na Suíça. Leo tinha aversão à vida conjugal que Rosa tanto desejava. Pilla Vares acredita que “talvez ele tenha tido vergonha de assumir perante a sociedade uma relação que ele considerava burguesa”. Em função disso, durante os 15

anos que passaram juntos, nem as famílias de Rosa e Leo ficaram sabendo do relacionamento. Ele acreditava que a busca pela própria felicidade era antiética à causa. A vergonha impediu Leo de viver plenamente “a única coisa de pessoal que ligava ele com a vida”, segundo Pilla Vares. Seu amor era tão intenso que “quando terminou a relação com a Rosa, ele ficou vivendo perdido no oceano das idéias”.

Em janeiro de 1919, aos 47 anos, Rosa foi assassinada em Berlim por conservadores alemães que já representavam o embrião do nazismo de Hitler. Seu corpo foi encontrado envolto em arame farpado no canal Landwehr em fins de junho. Leo Jogiches sabia que seria o próximo alvo, mas continuava andando pelas ruas da cidade sem nenhuma preocupação com segurança, só sofrendo a ausência de Rosa. Dois meses depois dela, perseguindo os assassinos, Leo também foi morto. “Foi praticamente um suicídio”, resume Pilla Vares.



# Escrevendo o Amor

Alexandre Haubrich (alexandre.haubrich@gmail.com)

*Cartas de amor nunca são apenas cartas de amor. Menos ainda nos tempos atuais. Cartas de amor são menos ainda apenas cartas de amor quando o correio é o principal meio de contato entre um homem e uma mulher apaixonados.*

*Ele está almoçando na casa dela quando de repente a polícia invade o local, na pacata cidade de Itumbiara, interior de Goiás, e o leva preso. É 4 de maio de 2006. Aos 16 anos, ela está grávida de seis meses, e essa é a última vez em que eles se vêem fora da prisão. Até hoje, as cartas são o meio que os mantém unidos.*

*O nome de solteira dela é Thalita Pereira Nunes. Ele se chama Alan dos Santos. Quando se conheceram, em maio de 2005, ela tinha 15 anos de idade, sete a menos do que o grande amor de sua vida. Uma vidente diria que o encontro se deu por obra do destino.*

*Thalita nasceu em Goiatuba, e foi parar em Itumbiara por causa do trabalho do pai, aos quatro anos de idade. Alan viveu na cidade até 2002, quando sua mãe se mudou para Batatais, São Paulo, levando o filho de 19 anos a tira-colo. A volta do rapaz a Goiás foi motivada por sua fuga, após ser acusado de matar um rapaz com cinco tiros à queima roupa. Menos de três meses depois, Thalita e Alan se encontraram na praça central de Itumbiara, apresentados pela irmã da moça, namorada de um amigo do moço.*

*Quando Alan foi preso, os dois já estavam juntos há quase um ano. Isso porque, no segundo encontro – cerca de uma semana após se conhecerem, quando Thalita diz que suas almas se casaram –, viraram um casal. Fora Alan quem tomara a iniciativa de ligar ainda na noite da praça, quando Thalita o rejeitara. Ela estava com seu terceiro namorado havia um mês. Alan também tinha alguém, há três anos. No telefonema, convenceu a garota a dar início a algo que se tornaria decisivo em sua vida. O primeiro beijo foi em um motel. Não era a primeira vez de Thalita, mas, segundo ela, foi a melhor. Galante, Alan ligou no dia seguinte, e cunhou o apelido pelo qual a trata até hoje: Lindinha.*

*Mais dois encontros e Thalita largou o antigo namorado, enquanto Alan estava em Porto Alegre, por motivo misterioso. Ele também termi-*

*nou seu namoro, com uma menina de Batatais, por telefone. Quando voltou a Itumbiara, foi a garota quem viajou. Foi à Espanha visitar a mãe. Durante o mês e meio que durou essa viagem, as primeiras traições – e únicas, segundo Thalita – aconteceram. Dos dois lados. E ambas foram perdoadas. Thalita chegou ao Brasil em agosto de 2005 e, em dezembro, Alan viajou sem desconfiar que sua liberdade estava com os dias contados. E não por causa do filho que, nesse período, Thalita descobriu que teriam.*

*O núcleo familiar dela – a avó e a irmã mais nova, com quem morava, e os pais – reagiu com apoio, apesar do susto. O problema foi com o restante da família, que passou a tratá-la mal “por estar grávida de um bandido”, como conta. Alan ficou mudo ao telefone quando soube da gravidez, mas prometeu que tudo daria certo, como um bom cavalheiro. Só que quatro meses depois, a 90 dias do parto, a polícia interrompeu o almoço na casa da família Nunes para levar Alan algemado. Dois dias depois de completarem um ano juntos, foram separados pela cadeia, restando as visitas espaçadas, os rápidos telefonemas e as cartas.*

*Nas primeiras três semanas, não houve visitas. Thalita era menor de idade e precisava da autorização dos pais. Como não estavam na cidade, a solução foi manter o namoro através de longas cartas de amor. Foram 16 correspondências nesses primeiros 21 dias, até a chegada da mãe de Thalita, autorizando suas visitas. Essas primeiras cartas foram as que mais levaram força e apoio de um ao outro. Foram o meio pelo qual Alan cuidou para que a namorada não se incomodasse, para não prejudicar a filha, e pelo qual Thalita ajudou o namorado a segurar a barra na cadeia, onde teve que comprar uma das oito camas disponíveis para quase vinte presos se quisesse algum conforto. “Essas cartas eram tudo, a presença dele em minha vida, o que me fazia não desistir”, emociona-se a garota, e conta que para Alan a importância era maior ainda: “Ele não tinha um mundo pra ver. Na cadeia, só de chegar um bilhetinho dizendo ‘saudades’, já é tudo”.*

*Mesmo com as visitas, as cartas continuaram com a mesma frequência e o mesmo tom. O processo de Alan era comentado, mas a saudade dominava o espaço, dividido, nas cartas de Thalita, com coraçõezinhos e frases amorosas tiradas de agendas e da internet.*

*Três meses após a prisão, Thalita nasceu. O pai manifestou sua satisfação ao escrever sorrindo e perguntando sobre os detalhes do parto, sobre os primeiros dias do bebê. Um mês depois da única visita em que Thalita levou a filha à prisão, Alan foi transferido para Batatais. Lá ele ficou apenas dois meses, até o presídio local fechar e os presos serem transferidos para Franca, também no interior de São Paulo. A dis-*

tância impediu as visitas, vetadas pela mãe de Thalita, mas não o amor. A correspondência continuou freqüente, semanal, agora marcada por ainda mais saudade. Tanta que até sexo rolou. Escreveram-se algumas vezes descrevendo o que fantasiavam, fazendo com que o amado imaginasse o mesmo do outro lado, até o fim.

Tudo ia bem, com os escritos mantendo-os unidos. Só que as palavras também podem machucar, e Alan começou a desconfiar da fidelidade da namorada. As cartas passaram a ser não de amor, mas de ódio, um meio para brigas e xingamentos, até que Thalita pôs fim à relação, em abril de 2007: "Te desejo sorte na sua caminhada, mas vou seguir minha vida sem você", escreveu.

Nos sete meses seguintes ela teve dois namoros, mas nenhum engrenou. Dedicou-se à criação da filha, sempre apoiada

da pela família. Na prisão, ele começou a namorar a prima de outro detento. Foi através dessa mulher, Renata, que Alan entrou novamente em contato com Thalita, até que voltaram a namorar em janeiro de 2008. Alan faz de conta que nada acontece, mas hoje namora as duas, evitando sempre que se encontrem nos dias de visita. As garotas sabem uma da outra, mas preferem se tolerar a correr o risco de perdê-lo.

As cartas continuam, semanais, e, segundo Thalita, continuarão até que Alan saia da cadeia, o que deve acontecer até 2011, quando, acredita, a pena do namorado regredirá para semi-aberto e o casamento será questão de tempo. Então, talvez parem de escrever-se. Porém, como sempre fez, Thalita continuará a chorar a cada vez que relê as cartas de amor escritas pelo maior amor de sua vida.



## CARTA A D.

"Você está para fazer oitenta e dois anos. Encolheu seis centímetros, não pesa mais do que quarenta e cinco quilos e continua bela, graciosa e desejável. Já faz cinquenta anos que vivemos juntos, e eu amo você mais do que nunca. De novo, carrego no fundo do meu peito um vazio devorador que somente o calor do seu corpo contra o meu é capaz de preencher."

Em setembro de 2007, os corpos do filósofo austríaco André Gorz e de sua esposa Dorine foram encontrados lado a lado, em sua casa de campo. No início de 2008, foi publicado o livro *Carta a D.*, no qual Gorz fala diretamente à companheira, lembrando o que viveram nos 58 anos em que estiveram juntos, até ela ser acometida por uma grave doença e os dois cometerem unidos o último ato de amor de suas vidas.

A carta, transformada em livro, é escrita para que seu autor tente entender melhor o significado deste caso de amor, como o próprio admite. Ele demonstra um sentimento irresistível pela esposa. Ama-a nos planos físico e intelectual, e em mais algum outro plano, inominável, que talvez seja o próprio amor, e que talvez seja o causador dos outros tantos gostares.

O sentimento de um pelo outro criou um mundo só dos dois. Particular, pode-se dizer, já que compartilhavam todos os momentos e as sensações. Trabalhavam também juntos. Pode parecer clichê, mas eram, rigorosamente, a mesma pessoa. Cada um uma parte.

Em *Carta a D.*, Gorz faz uma autocrítica severa. Desculpa-se por ter falhado quando sua parte desse ser único era quem agia. Admite que aprendeu com Dorine o mais importante da vida: amar, vendo a felicidade nas coisas triviais, mesmo quando o restante do mundo não ajuda. O livro *Carta a D.* é a própria definição de amor, ou até o próprio amor.

"... no final das contas, só uma coisa me era realmente essencial: estar com você. Eu não posso me imaginar escrevendo se você não mais existir. Você é o essencial sem o qual todo o resto, importante apenas porque você existe, perderá o sentido e a importância."

XXI

## Seres-teiros do século

Existem diversos modos, métodos e formas de emanar o amor através de qualquer sentido do corpo humano. Com um olhar diferente, metafórico. Com mãos se entrelaçando de surpresa. Com desenhos e pinturas da pessoa amada. Com poesia e prosa. Com a arte em geral.

Comumente, em estórias de amor, conta-se do "mocinho" que fez uma serenata para mexer com o coração da donzela. No sereno de uma noite qualquer, acompanhado do violão, ele entoava uma música em frente à janela da amada, homenageando-a e entregando ali todas as emoções através de sua musicalidade. Uma imagem bucólica, romântica e nostálgica, praticamente deformada se comparada ao crescimento do cenário urbano, à proliferação de arranha-céus, à insegurança, ao surgimento de novas tecnologias, como o telefone e a internet, e até os carros de telemensagens. Parece improvável que ainda existam seresteiros como antigamente, com seus violões e violinos surpreendendo um lar no calar da noite com uma bonita canção.

Ou será que, mesmo assim, há violeiros que desafiam a contemporaneidade e seguem esse estilo romântico musical?

Não, as serenatas não se extinguíram. Elas ainda estão presentes, e com força. Principalmente no interior do estado, onde muitos músicos conseguem achar um jeito para declarar seu amor através de sua arte, embora eles admitam as dificuldades.

"Quando visito minha família em Santo Antônio (da Patrulha), eu vivo mais intensamente isso. Chega minha mãe e diz: 'Teu tio vai passar aqui pra gente fazer uma serenata pra alguém'. Lá tem isso. Aqui não, todo mundo mora em apartamento. Não dá pra tocar o interfone e sair tocando violino, é estranho. E tem também a questão da segurança", desabafa Joselito Ramos de Souza, o Zelito, 25 anos, que se criou na cidade litorânea. Desde os oito anos ele vive a música, e desde os 12 se aventura com os amigos tocando serenatas, por conta própria ou quando alguém lhe pede uma composição para homenagear

um pretendido ou pretendida. Mesmo quando as cantigas eram feitas para arrecadar dinheiro, Zelito afirma que sentia prazer em realizar uma seresta. Mas afinal, que prazer é esse? No que ele consiste?

"Imagina uma cidade do interior. Aquela Lua grande, um silêncio total, onde tu só ouves os cachorros e os grilos. E aí, daqui a pouco, tá chegando a gente, com aquele ritual de chegar na casa bem quieto para não acordar ninguém. Às vezes a gente brigava com os cachorros. E quando se começava a canção, a pessoa acordava e não entendia nada. Pensava 'puxa, mas é aqui em casa'. Até que acordava todo mundo, pai, mãe, pra ficar observando a nossa cantoria. Era muito legal."

A tradição de entoar cantigas no sereno da noite surgiu há mais de 700 anos, em plena Idade Média, na Europa. O trovadorismo estava em voga, fazendo com que os artistas produzissem cantigas tanto líricas (de amor) quanto satíricas (de escárnio), e a imagem do mocinho tocando uma canção para uma princesa que ficava numa janela no alto da torre de um castelo é característica dessa época. E surgiam, assim, as serenatas, que mais tarde tanto se popularizaram entre os portugueses como também serviram para grandes músicos comporem obras próprias baseadas nessas cantigas, como Bach e Mozart.

Zelito acredita que as serenatas vieram para o Rio Grande do Sul através dos imigrantes oriundos das Ilhas dos Açores.

"Acho que a colonização açoriana tem alguma coisa a ver com isso. Porque isso era um ritual deles nas ilhas, ir na casa das pessoas para tocar uma canção. Os rituais religiosos, como o Terno de Reis, que é uma tradição onde os músicos perambulavam e batiam na casa das pessoas do povoado para anunciar o nascimento do menino Jesus. Isso pegou muito forte no interior, a ponto do pessoal sair de noite para fazer uma serenata para uma pessoa que se gostava, para

Frederick Martins  
(fred.hillage@gmail.com)





alguém que estava de aniversário, etc. Mas vem daí da imigração açoriana.”

Há também o fato de a serenata portuguesa passar por uma adaptação com os ritmos e a música brasileira, e começar a ser chamada de seresta, formando músicos famosos como Noel Rosa e Lupicínio Rodrigues.

E quem não sabe tocar uma serenata pode tentar fazer algo parecido na cidade grande? Qualquer gênero musical pode embalar uma pessoa emocionalmente? No ambiente urbano, há muitas histórias de amantes que usaram seus dotes musicais para conquistar alguém, sem precisar do uso de uma serenata musical, apenas a essência romântica dela. É o caso de Rodrigo Albornoz Pereira, 21 anos, estudante de jornalismo. Vocalista de uma banda de reggae há cinco anos, ele se declarou para sua atual namorada no meio de um show de seu grupo.

“Teve uma festa que minha banda tocou, ela tava lá e tinha uma música do Bi Ribeiro (*baixista do Paralamas do Sucesso*) chamada *Me Namora*. É um som que, em suma, quer dizer que um cara quer namorar com uma guria. Quando fomos tocar, não sei por que, senti que aquela música era tudo o que eu queria falar pra ela. Então, dediquei o som pra Manu e, quando ficava uma parte da música só no instrumental, desci do palco, chamei-a e disse que queria namorar com ela”, recorda, salientando que o amor gera a música, e que ambos andam lado a lado. “O amor é algo que está inerente ao ser humano. Todo mundo, de alguma forma, busca amar e ser amado. Amor é uma experiência incentivadora para se compor uma música”, completa Rodrigo.

É claro que nem todas as serenatas vão ter sucesso no que propõem. O próprio Zelito conta que muitas vezes tocou na frente de lares para uma pessoa e ela não estava em casa – apesar dos outros residentes mencionarem que “a canção estava muito bonita”. Mas ele ressalta que o que importa mesmo é quando, depois de muitos anos, as pessoas lembram dele tocando as músicas dedicadas a elas.

“Muitas colegas de aula que eu tive pediam para que eu e meus amigos fizéssemos serenatas para elas. E, mesmo depois de muito tempo, algumas me encontravam e falavam ‘nunca me esqueço daquela música que tu tocaste naquela vez tal’. E isso é bom, porque a pessoa às vezes tem uma outra vida, completamente diferente daquela quando convivia comigo, não falava havia muito tempo comigo e lembra da serenata”, lembra o músico, que também define a sua relação entre música e amor. “A música é algo que se estabeleceu na genética dos homens que têm mais propensão e sensibilidade ao amor. Quem ama, sempre tem aptidão, um dom pra arte. O amor está mais presente para elas.”

Como bardos ou menestréis dos tempos medievais, os seresteiros e amantes musicais ainda existem e seguem com o que gostam de fazer, desafiando o cenário urbano, a internet, as músicas de letras sexualmente explícitas e a banalização em geral das emoções. Afinal, independente da época, a música desperta sentimentos, cura tristezas, une as pessoas e, como todo tipo de arte – e até mesmo como o amor –, é universal e sublime, a ponto de alguém que compõe uma canção poder emocionar um indivíduo que esteja na outra ponta do globo terrestre.





# Meu nome não é Rosa!

Uma conversa sobre amor com ELZA SOARES

Por Débora Gastal (deborahsg@gmail.com), Natália Pianegonda (natalia.pianegonda@gmail.com) & Paula Bianca Bianchi (paulabianchi@gmail.com)

A entrevista estava marcada para as 10h da manhã. Ligamos para a casa de Elza Soares e interrompemos seu café. Ao que tudo indica pegamos a cantora de surpresa: ela sequer havia sido avisada da entrevista. Apesar disso, com a mesma voz rasgada dos shows, pediu: "Meu bem, você pode ligar daqui a meia horinha?".

Muito bem-humorada e disponível, a "destruidora de lares" da década de 70 e amada intérprete brasileira da atualidade falou sobre suas paixões, sua vaidade e sobre histórias de uma vida coroada pelo amor e pelo sofrimento. Mas se recusou a entrar em alguns assuntos já "enterrados" e demasiado explorados pela mídia.

Depois de quase uma hora de conversa descontraída por telefone, Elza se despediu dando uma palhinha do seu primeiro grande sucesso: "Se acaso você chegasse e no meu chateau encontrasse aquela mulher que você gostou, será que teria coragem de trocar nossa amizade por ela que já lhe abandonou?...". E arrematou: "Levanta o dedinho quem nunca sofreu de amor!".

**3x4 – O que é o amor?**

**Elza Soares** – Amor pra mim é a vida, é respeito, é você viver em função do bem, é você viver em função da maravilha. É esquecer dessas coisas horrorosas que a gente está acostumado a ver todas as horas, todos os dias. E você tem que passar por cima disso tudo e começar a amar a vida, o seu semelhante. Isso pra mim é o amor eterno, se doando.

**3x4 – Falta amor no dia-a-dia das pessoas?**

**ES** – Eu acho. Acho que o amor acabou. Acho que hoje existe muito interesse. Acho que a covardia está no lugar do amor. Sei lá... Esqueceram que Deus existe. O ser humano está muito presunçoso, e acho que o amor não é isso.

**3x4 – Qual é o contrário do amor?**

**ES** – Ódio. Medo.

**3x4 – A primeira vez que tu te apresentaste, no programa do Ary Barroso, inicialmente foste motivo de chacota da platéia e do próprio apresentador. Sentiste ódio?**

**ES** – Não, nunca tive ódio. Ódio não. Eu posso sentir mágoa. Você fica magoada, você é menosprezada, a sua sensibilidade vai pras cucuias.

Mas ódio, ódio não. Aquilo foi deboche. Você às vezes julga as pessoas pela aparência. E, quando você se depara com aquela coisa horrível que você estava fazendo, se assusta e pede perdão. "Meu Deus do céu! Eu cometi uma grande gafe, eu achei que aquela pessoa fosse nada! Tanto nada quanto eu, só que aqui eu me julgava muito acima daquela outra pessoinha que está ali."

**3x4 – Como foi a situação?**

**ES** – É que eu tinha de 12 pra 13 anos, já era mãe e o meu filho estava muito doente. Eu precisava ganhar um dinheiro. A única maneira que existia era um programa de calouros do Ary. A nota cinco (*premição máxima do programa*) estava acumulada, e eu fui arriscar. Quando eu fui entrando pro palco, a platéia teve um acesso de riso porque viu uma garota magrela, mal vestida, mal penteada, mal alimentada, como toda criança brasileira. Eu não tive vergonha. Sei que eu estava com uma roupa de minha mãe, uma roupa que dava duas Elzas ali dentro. Muitos alfinetes, duas maria-chiquinhas, uma sandália "mamãe tô na merda" – na época existia isso. Ainda existe hoje, só que a Gisele Bündchen desfila com essa sandália "mamãe eu sou dólar, mamãe eu sou euro", né? Na época era "mamãe tô na merda". Eu entrei e o Ary Barroso ficou meio surpreso com aquela figurinha. Aí ele encostou no piano, com o oclinhos, e perguntou: "O que você veio fazer aqui?". Eu falei: "Seu Ary, eu acho que aqui

as pessoas vêm pra cantar. Eu vim pra cantar". Aí ele perguntou: "Mas quem disse que você canta?". E eu disse: "Eu!". Antes que ele perguntasse o nome dos autores – que hoje já nem existe mais, ninguém pergunta o nome do compositor – eu disse. E aí ele fez a infeliz pergunta: "Então me responda: de que planeta você veio?". Eu sabiamente disse: "Do mesmo planeta que o senhor, seu Ary". E ele disse "Então qual é o meu planeta?". Eu disse: "Planeta fome!". Ali todo mundo começou a ficar caladinho, colocou a bundinha de volta na cadeira, e eu comecei a cantar. Acho que foi a primeira vez que eu senti o gosto da lágrima, ela é salgada. Eu cantava e as lágrimas desciam. Mas consegui a nota cinco. Acabei de cantar nos braços do Ary Barroso e ele dizendo: "Senhoras e senhores, nesse exato momento nasce mais uma estrela!". E eu, muito inocente, muito burrinha, olhava pra cima, olhava pro chão, pensando: "Onde é que tá nascendo essa estrela?". E eu não entendia que ela pudesse nascer em qualquer lugar, pra mim era só no céu. Falei: "Será que eu tô no céu e não sei, pô?".

**3x4 – A tua primeira música que fez sucesso foi *Se acaso você Chegasse*, do Lupicínio Rodrigues, um compositor gaúcho. Tu o conheceste?**

**ES** – Muito! Aquilo que foi amor! Eu cometi uma gafe imensa com o seu Lupicínio. Eu cantava numa boate aqui no Rio, a Texas Bar, no

Leme. Eu tinha muito medo porque minha família não aceitava cantor. Eu estava cantando, e tinha um homem sentado à frente, numa mesa, com umas rosas. Mas como eu não olhava pra ele, ele saiu da cadeira, chegou perto de mim e disse: "Eu trago rosas para uma outra rosa". Eu, como uma imbecil amedrontada, respondi: "Olha, o senhor me desculpa, mas eu detesto rosas e não me chamo Rosa!". Ele disse: "Eu sei. Você se chama Elza Soares. Eu sou Lupicínio Rodrigues, autor dessa música que você está cantando". Eu disse: "Seu Lupicínio! Por que o senhor não falou antes?".

**3x4 – Quantos anos tu tinhas?**

**ES** – Quatorze.

**3x4 – O medo faz parte do amor?**

**ES** – Não, do amor não. Da vida. Você sai da vida de uma lavadeira, de um operário faminto e vai bater numa casa luxuosa, cantando. Você tem que ter seus receios. Não medo, mas receio, porque você é cantada, é uma mulher cobiçada. A garota já era cobiçada demais, como até hoje. Então você começa a ter seus receios. Ou você vai acabar sendo uma prostituta, porque eles vão te usar o tempo todo, e você não consegue chegar aos teus objetivos.

**3x4 – Tu já afirmaste que seduzes o tempo todo, mesmo sem perceber. O que te dá esse poder?**



**ES** – Eu seduzo. Gozado... É pela minha forma de ser, de chegar nas pessoas. Eu não tenho timidez, sou uma criatura aberta a todos. Então a garotada fica louca, cara. Pelas pernas também. E agora com esse show *Beba-me* eles querem beber, lambar, comer, eles querem fazer tudo.

**3x4** – Isso tem muito a ver com paixão. Paixão é amor?

**ES** – Não. Paixão é paixão, amor é amor. Paixão é uma loucura que te cega. Você não sabe o que faz, você não come, você não dorme. Você fica 24 horas vivendo aquela coisa louca, aquela pessoa do seu lado. Você quer aquela coisa o tempo todo do seu lado. Aí, quando passa a loucura, que você começa a raciocinar como deve ser, aí vê que é mesmo o amor. Ou então você fala: “Ai, e eu que pensei que estivesse apaixonada!”.

**3x4** – Sexo tem a ver com amor?

**ES** – Muito. Porque faz parte da vida, faz parte da sua alimentação. A sua carne precisa ser alimentada também. Você alimenta o espírito, mas a carne precisa muito desta boa alimentação.

**3x4** – E agora, tu estás apaixonada ou amando?

**ES** – Eu amo sempre. Amo todo mundo. Amo a vida, amo tudo.

**3x4** – Algum namorado?

**ES** – Não quero falar mais nisso, não.

**3x4** – É possível transformar amor em música? Como?

**ES** – Como Dolores Durán fazia, né? Como o Caetano também faz, que compôs pra mim *Dor de cotovelo*, Dolores Durán com *É fim de caso*, a mulher apaixonada. Lupicínio Rodrigues, “quem há de dizer...” (canta), entendeu?

Tudo isso transforma em música, transforma num romance, transforma no coração com uma carga aberta eterna.

**3x4** – Tu tens uma relação de amor com o samba?

**ES** – Eu tenho paixão por todas as músicas. Eu não sou só samba. Eu sou apaixonada pelo blues, eu sou apaixonada pelo jazz, pelo funk, eu sou apaixonada pelo hip hop com uma boa letra. Eu sou apaixonada pela música. Acho que a música perde muito quando você divide: você é samba, você é isso, você é aquilo. Não. Você é música!

**3x4** – Quando tu cantas, sentes a música? Há uma frase do teu biógrafo, José Louzeiro, que diz que, pra ti, cantar é um parto a cada sílaba...

**ES** – Pra mim é. Por exemplo, aquela música *Dor de cotovelo*, do Caetano Veloso, ou quando eu canto aquela música do Gil, *Se eu quiser falar com Deus*. Eu acho que ela surge do meu ventre. Vem com tanta força... Ela vem com lágrimas de tão forte que se transforma.

**3x4** – A relação do compositor com a música é diferente da relação do intérprete?

**ES** – Olha, eu acho. Porque ele faz aquilo pra ele e precisa encontrar alguém que possa interpretar aquela coisa que ele fez de uma maneira que ele pensava, que ele sentia. Então você tem que ter todo o carinho. Ao ver a letra e a melodia, você sabe que aquilo tem uma mensagem. Quando canto uma música que sei que foi feita na paixão, aquela paixão de cama, aquela paixão de vida, eu sei a diferença que existe.

**3x4** – Uma vez tu disseste que, quando estás em um relacionamento, te entregas completa-

mente. Como é isso?

**ES** – Ah, eu viro uma gueixa.

**3x4** – Qual o comportamento de uma gueixa?

**ES** – Ela se doa, se esquece, fica meio que burrinha. Eu já fiquei burrinha muitas vezes.

**3x4** – Quantos amores tiveste?

**ES** – Ah, não... Aí vira rol de roupa. Tem que ter cadernos.

**3x4** – É possível amar mais de um ao mesmo tempo?

**ES** – Só se ama uma pessoa de cada vez. Mas, se acabar com essa pessoa, se tiver outra, eu vou amá-la da mesma maneira. Vou amar e muito!

**3x4** – Tu amas a todas as pessoas da mesma forma?

**ES** – Eu amo. Consigo. Existe uma diferença de filho, de mãe, de pai, de tia. Mas quando você tem aquele amor íntimo, você é amor, cara! Você tem que amar muito, se doar muito! Às vezes até se anula por esse amor.

**3x4** – Acreditas em amor à primeira vista?

**ES** – Acredito.

**3x4** – Já te aconteceu?

**ES** – Já.

**3x4** – Em que situação?

**ES** – Olha, em várias situações. Mas existe. Você bate o olho e fala “Hmmm!”. Uma coisinha lá dentro do teu coração começa a palpitar forte.

**3x4** – E tu és ciumenta?

**ES** – Muito. Quem ama tem ciúme.

**3x4** – Como expressas esse ciúme?

**ES** – Ah, esse ciúme é uma besteira, cara. Ele te corrói, ele te agride, ele te consome. Ciúme é uma coisa bestial, como dizem os portugueses.

**3x4** – Atrapalhou em algum momento?

**ES** – Eu acho que já.

**3x4** – De que maneira?

**ES** – Na maneira de você perder sua linha, botar tamanco, botar lata d’água na cabeça e sair pro pau mesmo.

**3x4** – Já brigou por ciúme?

**ES** – Já. De sair no tapa. Na hora que eu estava sentindo que ia rolar uma traição, aí

eu saí pro pau mesmo, aí não tem *perhaps*. Da mesma maneira que eu estou amando, eu posso odiar também. Não odiar, essa palavra odiar eu não gosto. Eu posso sentir raiva também.

**3x4** – E te machucou ou só bateu?

**ES** – Machuca um pouco, mas depois passa um Merthiolate, põe um Band-aid e sara.

**3x4** – Até hoje te cuidas muito, zelas por tua beleza. Vaidade é sinônimo de amor próprio?

**ES** – Eu tenho muito respeito ao espelho, é ele que me diz sempre: “Olha, corre!”. E eu já vou. Mas gosto de me apresentar para as pessoas de uma maneira inteira, cara. Eu não nasci cheia de preguiças. Tem gente que adora, “essa preguiça é sinal de vida e respeito!”. Esse é um país altamente preconceituoso em todos os sentidos. A pessoa aqui não pode ter idade porque é sinal de caduquice. Aqui você tem que ter a bunda durinha eternamente, tem que ter as pernas lisas eternamente, tem que ter a carinha gostosa eternamente. Então eu não procuro ser gostosa eternamente, mas procuro estar quase igual.

**3x4** – O que são e a que se referem as tatuagens que tens?

**ES** – No meu braço eu tenho uma bela rosa... São duas rosas. E na perna eu tenho uma fênix, que quer dizer que eu estou sempre renascendo das cinzas. Eu fiz uma fênix na minha perna e as rosas em homenagem ao Lupicínio



nio. Essa tatuagem é em homenagem às rosas do seu Lupicínio Rodrigues.

**3x4 – As rosas que ele te levou e não aceitaste?**

ES – É, que eu disse que detestava rosas e que não me chamava Rosa. Ai que vergonha! Foi pra compensar, te juro.

**3x4 – Tu estás sempre renascendo das cinzas?**

ES – Sempre. Quase sempre. A vida não é só 24 horas de prazer. Ela tira alguns minutos pra te dar uma porradinha. E esses minutos, cara, são longos... Longos, que parece que não vão acabar nunca mais.

**3x4 – Nas entrevistas que concedes ou quando o assunto é Elza Soares, fala-se muito sobre teu passado sofrido. Existe alguma relação de amor com esse passado?**

ES – Lógico, só que hoje eu não consigo vê-lo como sofrido. Vejo com um pouco mais de inteligência, mais sabedoria, que foi uma lição, uma escola. Talvez, se eu não tivesse passado por essa lição de vida, não seria o que sou hoje.

**3x4 – Tu casaste aos 12 anos. Casamento pressupõe amor. Tua situação envolveu amor?**

ES – Não, ali não envolveu amor. Envolveu a loucura do meu pai que pensava que eu tivesse dado. E eu nem tinha dado nada, nem sabia o que era dar. Na época eu nem sabia o que era isso. E foi por causa de um louva-a-deus que me casei. Meu pai viu um garoto brigando comigo e supôs que tinha existido alguma coisa. Por causa desse bichinho que eu botava no ouvido e ficava "Rmmm...". Depois eu assimilei isso à minha voz.

**3x4 – Mas por que vocês brigaram?**

ES – Porque ele matou meu louva-a-deus. Espantou o louva-a-deus.

**3x4 – Acreditas no casamento como uma manifestação do amor?**

ES – Eu lamento dizer que hoje o casamento é uma instituição falida. Mas eu acredito ainda que haja um pouco de amor.

**3x4 – Tiveste muitos filhos e muito nova. Também passaste por um aborto natural. És a favor da legalização do aborto?**

ES – Não. Não sou a favor, mas também não sou a favor de colocar filhos no mundo sem poder mantê-los, largar a criança na rua, cheirando cola, roubando, se tornando traficante. Essas crianças vivem até os 15, 16 anos, que é o máximo. Aí acabou. Também sou contra isso. Eu sou a favor, sim, de legalizar o número de crianças por casal. Tem que legalizar isso. Você não pode pôr no mundo uma criança que você não tem condições de educar.

**3x4 – Com o teu primeiro companheiro tu tiveste cinco filhos. Três deles morreram ainda na infância...**

ES – Lógico. Porque eu não tinha nenhuma sabedoria, não sabia nada!

**3x4 – E isso te abalou ou te fortaleceu?**

ES – As duas coisas. Porque, se eu soubesse naquele dia o que sei agora, eu não tinha chorado nunca.

**3x4 – Hoje tu choras por alguma coisa?**

ES – Sou muito chorona. Além de ser aquela mulher que dizem que é muito forte, eu também sou mole, choro por qualquer coisa. Se vejo uma criança na rua cheirando cola, caída, aquilo me dá uma dor profunda. Sei que o país tem poder pra não permitir esse cinema na rua, disfarçado, colorido, sofrido, sangrento.

**3x4 – O amor sobrevive à pobreza?**

ES – Sobrevive. Muito embora eu saiba hoje que a pobreza é uma doença que tem cura. Mas o amor sobrevive à pobreza. Hoje eu vejo casais que se amam louca e alucinadamente num barraco. Vejo ainda muita gente que se ama. E também vejo muita gente interessada no que você é e dizer que te ama, e no fundo não ama nada.

**3x4 – Tu acreditas que hoje estás rodeada por quem te ama ou que ainda existe algum interesse por parte de pessoas que convivem contigo?**

ES – Ao longo da minha vida já chegou a acontecer. Mas hoje eu sou rodeada de poucos amores, mas são sinceros.

**3x4 – Isso te prejudicou em algum momento?**

ES – Não, porque eu não entendia. Você não entende, não percebe. Eu acho que ingenuidade é burrice. Mas era ingênua.

**3x4 – Dizem que Elza Soares é a musa dos gays. De onde surgiu o título?**

ES – É que ninguém pediu pra ser negro, ninguém pediu pra ser pobre, ninguém pediu pra ser gay. E eu acho que menosprezar o gay é menosprezar um filho, menosprezar uma vida. Tenho um carinho muito grande por eles.

**3x4 – Tu és heterossexual? Já tiveste experiências homossexuais?**

ES – Eu só tenho homens. Nunca tive outra coisa na minha vida, não. Mas eu entendo bem. Nunca tive relação com mulher nenhuma. Mas não é por isso que vou menosprezá-las. Já levei cantadas demais de mulheres, mas nem por isso deixei de amar outras mulheres. Tenho um grande respeito por elas.

**3x4 – E tu recebias visitas de vários gays, mas um dia o Garrincha chegou em casa e teve confusão...**

ES – Ele deu um tiro pra cima e botou todo mundo pra rua. Aquela gayzada toda gritando: "Socorro! Garrincha de pau grande quer me matar!" (risos). A situação ficou muito pior. Saiu muito pior o tiro que... Oh, meu Deus do céu! Saiu pior a emenda que o soneto.

**3x4 – Ele era muito preconceituoso e tu não eras. Brigavam muito por isso?**

ES – Ah, eu briguei muito por causa disso. Não gostava que fi-

zesse isso. A cabeça dele era essa. Mas a minha não tinha que mudar por causa dele. Muito pelo contrário, eu tinha que ensinar que eles eram seres humanos como ele. Ele não era um alcoólatra? Não tinha que ter preconceito a outro tipo de vida.

**3x4 – Tu conseguiste mudar na cabeça dele?**

ES – Consegui. Acabou aceitando os meus amigos. Às vezes ele dizia "ah, eu vou lá na rua, vou dar uma volta". Mas depois voltava, conversava. E eu dizia pros meus amigos: "Quando ele estiver aqui, tratem com o maior respeito que ele vai acabar gostando de vocês também". E ele entendia bem.

**3x4 – Como foi teu primeiro encontro com o Garrincha?**

ES – Ai... tem que falar nele, tem?

**3x4 – Foi amor à primeira vista?**

ES – Foi amadurecendo. Ele foi levado à minha casa pelo Nilton Santos (*ex-jogador da Seleção Brasileira e do Botafogo*) e pelo Sandro Moreira (*jornalista esportivo*), pra que eu vendesse umas rifas que o ajudariam a ganhar um carro. E ali começou o tratamento respeitoso. Eu já sabia que ele estava gostando da mulata, mas eu fazia de conta que não estava entendendo. Até que aconteceu. Gostei dele à primeira vista pela inocência, achava que ele era muito puro. Gostei muito disso. Muito, muito, muito, muito...

**3x4 – E ele era puro?**

ES – Mas nem era. Depois eu vi que ele era homem, como todo outro homem qualquer. Bem bandido, bem galinha, bem canalha!



**3x4 – O Garrincha era tudo isso mesmo?**

**ES –** Ele era, cara! Só não se defende porque está morto (*risos*).

**3x4 – Como te sentias por ser acusada pelos problemas e pela decadência do Garrincha?**

**ES –** Olha, eu sabia o que estava fazendo. E dei tempo ao tempo. E o tempo chegou, as pessoas viram que não era assim. Porque eu peguei uma pessoa totalmente doente e não tive coragem de deixá-la. Porque, se eu deixasse, já tinha morrido há muito mais tempo. Eu via a necessidade de mais carinho, mais compreensão, de mais respeito.

**3x4 – O amor agüenta tudo?**

**ES –** Tem um pouco de amor e ao mesmo tempo tem um pouco de pena, que é horrível. Mas você tem que suportar aquilo. Mas teve bons momentos, lógico.

**3x4 – Existe algum que te marca muito?**

**ES –** Não... A não ser o nascimento do meu filho, acho que eu prefiro não falar mais nisso.

**3x4 – Foste eleita “A cantora do milênio” pela BBC em 2000. Consideras que és mais reconhecida no exterior que no Brasil?**

**ES –** Hoje eu sou uma celebridade na França, na Europa em geral, e aqui também. Sou respeitada hoje no Brasil, graças a Deus. É aquela coisa: água mole em pedra dura tanto bate até que fura.

**3x4 – O tempo que tu passaste no exterior foi decisivo para o teu reconhecimento no Brasil?**

**ES –** Também. Santo de casa não faz milagre, né? Tem que esperar. É aquela coisa que você pensa “quem sabe um dia não vão me olhar e dizer: ‘Olha quanto tempo eu perdi sem dizer que essa criatura é ótima! Não a melhor de todas, mas ela é sensacional!’”.

**3x4 – Acreditas que a dificuldade em fazer sucesso no Brasil no início da carreira tem a ver com o fato de que és negra?**

**ES –** Existia isso. Eu também não ligava muito, não, cara. Metia os peitos e ia embora. Nunca tive tempo pra olhar pros peitos e olhar que cor que eu tinha, que tenho, que sou. Isso está na sua cabeça.

**3x4 – Tiveste um caso com Tom Jobim?**

**ES –** É, olha... (*risos*). Todo mundo pensa que a gente teve alguma coisa. Não. A gente não teve nada, não. Ele que queria, mas eu nunca quis, porque ele era de uma beleza insuportável. Quando é bonito demais você fala: “Não queeero!”. Eu queria ver algum defeito, mas não achei nenhum defeito nele. Aí eu disse: “nã nã ni nã não!”.

**3x4 – Existe mais alguém nesse rol de pessoas famosas que se apaixonaram por ti e tu não quiseste?**

**ES –** Várias...



**3x4 – Podes citar algumas?**

**ES –** Não! Segredo! E quando você não suporta, você cede. Como eu cedi pro Milton Banana (*músico da banda de Tom Jobim*), né? Mas os outros você esquece. Você não deve sair por aí dizendo: “Ah, eu fiz isso, ah eu fiz aquilo”. Não, não! É feio! É feio você sair dizendo: “Tive isso, tive aquilo”.

**3x4 – Já ouviste muitas declarações de amor?**

**ES –** Ouço muitas declarações de amor. Dos fãs é o que eu mais es-

cuto, meu Deus! Haja cabeça pra suportar!

**3x4 – Tu já passaste por algumas religiões...**

**ES –** Quase todas!

**3x4 – Qual é a tua crença agora?**

**ES –** Olha, eu sou uma devota de Deus. Eu pego meu São Jorge, que não me separo dele por nada. Mas também tenho uma queda por um pastor, que é o R.R. Soares, que todo dia quero escutá-lo, quero ouvi-lo. Porque ele tem uma maneira de passar a palavra pra você, que de repen-

uma filosofia que te leva a Deus. Entendeu?

**3x4 – Tu acreditas que o ser humano tem como passar essa palavra em nome de Deus?**

**ES –** Acho que o homem tem o poder. Deus fez o homem a sua imagem e semelhança. Eu acho que o dia que você deixar de confiar, não precisa mais viver. Mas eu acho que o pastor ali não está se tornando Deus. Ele está falando, ele está passando o poder que Deus tem para que você se apegue a Ele, para que você tenha fé e defina como chegar a Deus. Eu procuro muito Deus, falo muito com Ele. Vai ver Ele está dentro de você e você não sabe. Eu acho que o que ele passa quando faz a pregação, ele está te ensinando, não está querendo ser Deus, o poder de Deus. Mas a fé, o que faz você encontrar o que você busca é a sua fé. É uma coisa que eu não sei o que é, mas é uma coisa muito séééria, cara! Você diz: “Eu quero aquilo”. Você mentaliza. O ser humano tem tanto poder e não sabe. Eu já consegui assim e acho que outras pessoas vão conseguindo.

**3x4 – Existe alguma música que, pra ti, simboliza o amor?**

**ES –** Olha, eu continuo com as minhas músicas que simbolizam amor. Às vezes tem músicas que você vai buscar e que não têm esse romantismo todo, como *Aos Pés da Cruz*, do Nelson Gonçalves. Mas, pô, cantar Lupicínio é cantar o amor! Cantar um rap é cantar o amor. O rap diz tudo que sente, é cantar o amor.

**3x4 – Mas se tivesses que eleger a música de amor da tua vida, qual seria?**

**ES –** Eu ia buscar Billie Holiday. É visceral total, é Billie Holliday. Parece brincadeira. Porque, se você vai parar pra pensar, é sofrimento que ele canta. E a gente idolatra esse sofrimento.

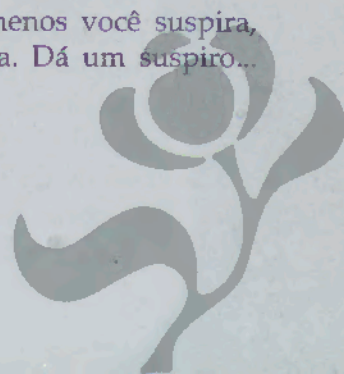
**3x4 – E isso faz bem?**

**ES –** Pelo menos você suspira, né? Desabafa. Dá um suspiro... profundo!

te parece que está falando com você. Adoro esse homem.

**3x4 – Religião é a única forma de amor a Deus?**

**ES –** Eu não sei o que é religião. Acho que você procura Deus. É teu direito procurar Deus, onde ele estiver. É aqui, ali, na esquina, na rua, na calçada. Você sai procurando Deus e é isso que as pessoas chamam de religião, e não é “a minha religião é católica, a minha religião é protestante, a minha religião...”. Não! Você é freqüentadora de uma seita, de



# SOU PORTUGUÊS DE PORTUGAL

Douglas Skrotzky (douglas\_c\_sk@yahoo.com.br)  
Ilustração por Thiago Morão. Foto por Marina Ferreira.

O dia amanheceu escuro. Um cobertor de nuvens negras tomava conta da imensidão do céu. Relâmpagos e trovoadas ao fundo iluminavam a esfera e ecoavam como uma orquestra, anunciando a grande tempestade que se avizinhava. Luís Vaz de Camões, homem viajado e apaixonado pelas letras e espadas, percebera o clima hostil preparado por Thor, mas, naquele momento, só conseguia pensar em uma cousa. Era hora de partir. A Ásia devia ser deixada para trás, e a vida, retomada na Europa. Não visualizava nada além de pisar e sentir a terra natal, a pátria dos desbravadores e conquistadores ultramarinos: o domínio lusitano.

Ainda antes de deixar Portugal, Camões conheceu as letras, a boemia e a prisão. Era um "humanista, trovador à maneira tradicional, fidalgo esfomeado, numa mão a pena e noutra a espada", escreveram Óscar Lopes e António J. Saraiva no livro *História da Literatura Portuguesa*. A mando da realeza, conheceu o exílio. Andou por terras distantes atrás de mulheres, aventura e conflitos. Esteve em África, China e Índia.

Sentindo a força do vento que soprava contra a face, o poeta português, na flor de seus cerca de 35 anos, embarcou na caravela, que em pouco tempo partiria de Goa com destino a Lisboa. Carregava consigo, além de algumas peças de roupa, apenas um manuscrito, ainda incompleto, porém bastante adiantado e volumoso. Segundo biógrafos, tratava-se de *Os Lusíadas*, uma das obras mais expressivas da literatura mundial

e, quiçá, a maior epopéia escrita desde os tempos de Homero.

A viagem, no entanto, não foi solitária. Com ele, embarcou para a Península Ibérica uma jovem chinesa de nome Dinamene, que conhecera na sua passagem por Macau na década de 1550, onde trabalhou como provedor de defuntos e ausentes. Segundo biógrafos e parte da obra camoniana, a chinesa foi o grande amor da vida do autor, cantada em versos no futuro pelo poeta. Na localidade asiática, Camões teria escrito ao menos seis cantos de sua obra maior. Todo o trabalho que conta a trajetória épica de Vasco da Gama, conforme poucos documentos e algumas suposições de pesquisadores, teria sido realizado dentro de uma gruta, hoje batizada com o nome do expoente poeta português.

Em meio ao prenúncio da tormenta, partiu a nau. A indiana Goa, região de aventuras e das primeiras anotações da epopéia lusitana, foi ficando distante, e a tempestade, iminente. A chuva, enfim, começou. Gotas espessas e largas atingiam a embarcação, ressonando como a marcha de milhares de soldados num campo de batalha. Pouco se via diante dos olhos. A água, como nunca, movia-se, oscilando com ondas enormes e assustadoras. A caravela, indefesa frente à fúria da natureza, balançava, subia e descia, como pena à mercê da vontade dos ventos. O estrondo e o relampejar emanados pelos raios que caíam sobre o local também assustavam: parecia que os deuses, tão lembrados e elevados na obra camoniana, não poupariam o poeta, Dinamene e a tripulação dos perigos dessa jornada. E, como se previa, assim ocorreu. Na altura da foz do rio Mekong, no Camboja, a embarcação não resistiu e naufragou.

Ainda no interior do barco, Camões, com as mãos suadas e ansiosas, agarrou-se ao que, tinha certeza, eram suas duas maiores riquezas: na mão direita, segurava a sua vida em letras, o seu manifesto de amor ao povo português, *Os Lusíadas*; na esquerda, com força, apertava a mão delicada e amarelada da pequena e querida Dinamene. Juntamente com a nau, a tripulação ficou à deriva. Unidos, poeta, mulher e epopéia lutariam pela sobrevivência, pela vitória, pelo não-esquecimento.

A adversidade era grande. A natureza castigava os viajantes. Perdidos em meio à tormenta, Camões, segundo a lenda, teria soltado a mão esquerda. A partir daquele ponto, Dinamene estava só, desamparada pelo amado. Sem ajuda, a mulher, a exemplo de toda a tripulação, desapareceu nas profundezas das águas.

Camões, por outro lado, ergueu o braço direito e, somente com o outro membro superior, começou a nadar. A costa distante devia alcançar, para a obra seca chegar. Num esforço nunca antes realizado, Camões colocava a própria vida em risco para salvar os cantos da exaltação da façanha lusitana:

*Este receberá, plácido e brando,  
No seu regaço os Cantos que molhados  
Vêm do naufrágio triste e miserando,  
Dos procelosos baxos escapados,  
Das fomes, dos perigos grandes,  
quando  
Será o injusto mando executado  
Naquele cuja Lira sonora  
Será mais afamada que ditosa.*  
(X, 128 – *Os Lusíadas*)

*Era uma vez  
um português  
de Portugal.  
O nome Luís  
há-de bastar  
toda a nação  
ouviu falar.  
Estala a guerra  
e Portugal  
chama Luís  
para embarcar.  
Na guerra andou  
a guerrear  
e perde um olho  
por Portugal.  
Livre da morte  
pôs-se a contar  
o que sabia  
de Portugal  
Dias e dias  
grande pensar  
juntou Luís  
a recordar.  
Ficou um livro  
ao terminar.  
muito importante  
para estudar:  
Ia num barco  
ia no mar  
e a tormenta  
vá d'estalar.  
Mais do que a vida  
há-de guardar  
o barco a pique  
Luís a nadar  
Fora da água  
um braço no ar  
na mão o livro  
há-de salvar.  
Nada que nada  
sempre a nadar  
livro perdido  
no alto mar.  
– Mar ignorante  
que queres roubar?  
A minha vida  
ou este cantar?  
A vida é minha  
ta posso dar  
mas este livro  
há-de ficar.  
Estas palavras  
hão-de durar  
por minha vida  
quero jurar.  
Tira-me as forças  
podes matar*



*a minha alma  
sabe voar.  
Sou português  
de Portugal  
depois de morto  
não vou mudar.  
Sou português  
de Portugal  
acaba a vida  
e sigo igual  
Meu corpo é Terra  
de Portugal  
e morto é ilha  
no alto mar.  
Há portuguesas  
a navegar  
por sobre as ondas  
me hão-de achar.  
A vida morta  
aqui a boiar  
mas não o livro  
se há-de molhar.  
Estas palavras  
vão alegrar  
a minha gente  
de um só pensar.  
À nossa terra  
irão parar  
lá toda a gente  
há-de gostar.  
Só uma coisa  
vão olvidar  
o seu autor  
aqui a nadar.  
É fado nosso  
é nacional  
não há portuguesas  
há Portugal.  
Saudades tenho  
mil e sem par  
saudade é vida  
sem se lograr.  
A minha vida  
vai acabar  
mas estes versos  
hão-de gravar....  
...O livro é este  
é este o canto  
assim se pensa  
em Portugal.  
Depois de pronto  
faltava dar  
a minha vida  
para o salvar.*

*Almada Negreiros*

Esgotado, Camões chegou à praia. Quase inconsciente e, num movimento de reflexo, olhou para a mão direita: lá estava a epopéia. E salva. Instantes depois, deu um suspiro e caiu. Desmaiara. Foi socorrido e salvo por moradores locais.

Terminou o livro e, já de volta a Portugal depois de 16 anos de desterro, conseguiu a publicação da primeira edição de *Os Lusíadas* em 1572, com a ajuda do rei D. Sebastião, a quem a obra é dedicada. Na pobreza, doente e recebendo uma pensão da coroa e auxílios de um antigo escravo, morreu em 10 de junho de 1580 na capital portuguesa. Na lápide que acompanha a tumba do ilustre português, uma frase que toca: "Aqui jaz Luís de Camões, príncipe dos poetas do seu tempo. Viveu pobre e miseravelmente, e assim morreu".

POR OUTRO LADO...

Se dividirmos em escolas literárias, Camões se enquadraria no Classicismo. A Igreja e o modelo feudal de sociedade perdiam espaço para o sistema adotado pela burguesia, antropocêntrico. Os padrões clássicos são buscados e a influência greco-latina sempre está presente.

Se *Os Lusíadas* foi amado por Camões, Dinamene não foi menos adorada. Depois do fatídico episódio, o poeta dedicou-se ao que hoje se conhece por Ciclo Dinamênico. A chinesa foi cantada em uma série de sonetos (dois quartetos e dois tercetos), sempre com uma visão neoplatônica e idealista do amor.

Coincidentemente ou não, Dinamene também é o nome de uma das nereidas da *Ilíada* de Homero. Segundo a tradição

clássica, ela é uma das ninfas, seres que educam os heróis. Elas representam a expressão dos aspectos femininos dentro do inconsciente masculino. O "eu" lírico dos versos dinamênicos idealiza a mulher, que subiu e está sublime no Céu.

A obra mágica e brilhante de Camões merece, uma trajetória não menos cativante. Os dois maiores amores da vida do poeta, cada um a seu modo, foram imortalizados. Quem ganha com isso? Os apaixonados pela complexa e bela Língua Portuguesa.

#### Alma minha gentil, que te partiste

*Alma minha gentil, que te partiste  
Tão cedo desta vida descontente,  
Reposa lá no Céu eternamente  
E viva eu cá na terra sempre triste.*

*Se lá no assento etéreo, onde subiste,  
Memória desta vida se consente,  
Não te esqueças daquele amor ardente  
Que já nos olhos meus tão puro viste.*

*E se vires que pode merecer-te  
Algúna cousa a dor que me ficou  
Da mágoa, sem remédio, de perder-te,*

*Roga a Deus, que teus anos encurtou,  
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,  
Quão cedo de meus olhos te levou.*

#### Ah! minha Dinamene! Assim deixaste

*Ah! minha Dinamene! Assim deixaste  
Quem não deixara nunca de querer-te!  
Ah! Ninfa minha, já não posso ver-te,  
Tão asinha esta vida desprezaste!*

*Como já pera sempre te apartaste  
De quem tão longe estava de perder-te?  
Puderam estas ondas defender-te  
Que não visses quem tanto magoaste?*

*Nem falar-te somente a dura Morte  
Me deixou, que tão cedo o negro manto  
Em teus olhos deitado consentiste!*

*Oh mar! oh céu! oh minha escura sorte!  
Que pena sentirei que valha tanto,  
Que inda tenha por pouco viver triste?*



# Entre Quatro Muralhas

Ismael Cardoso (ismacardoso@gmail.com) & Vanderson Corrêa (correa.vanderson@gmail.com)

Fotos por Vanderson Corrêa

Dentro de um ambiente inóspito, o amor. Mesmo com a realidade crua do ambiente hostil, corações se aproximam. Seja por toda a vida ou apenas por prazer, um presídio pode ser um ambiente impregnado de amor.

No Madre Pelletier, presídio feminino de Porto Alegre, vivem cerca de 600 internas. O convívio diário e forçado dessas mulheres cria situações extremas. Brigas, conflitos, ciúme, amizades, afetos e amores. Tudo é sentido de maneira exacerbada por quem passa anos atrás das grades.

Dentro de uma prisão feminina, o grande desafio é saber lidar com os sentimentos e tentar manter a lucidez durante o cumprimento da pena. Uma coisa é consenso tanto entre as presas quanto entre as funcionárias: relacionamentos homossexuais fazem parte do cotidiano do presídio e amenizam os efeitos da cadeia. Há, no mínimo, três comportamentos sexuais dentro do presídio: a heterossexualidade, a homossexualidade e, o que predomina, a homossexualidade situacional.

No momento da prisão, muitas dessas mulheres são abandonadas, principalmente pelos companheiros. As imensas filas de visitantes que se vêem nos presídios masculinos não se repetem nos femininos. A sensação de abandono e a falta de perspectivas fazem com que muitas só consigam "puxar cadeia" com ajuda de antidepressivos e amparadas pelas amigas construídas no interior das muralhas do Pelletier.

Da relação com as companheiras de cela, surgem arti-



fícios para superar as dificuldades. A afinidade entre essas mulheres acaba por dar vazão a relacionamentos muito intensos, que vão se transformar em parcerias nas quais o sexo, o afeto, a troca de confidências, as juras de amor eterno e as brigas por ciúme são corriqueiras. "Assim como tudo aqui dentro, o amor se expressa à flor da pele. Ele surge com a convivência das internas e geralmente apresenta-se de uma forma conturbada", garante uma funcionária do Pelletier que não quis se identificar. A instabilidade e a troca de parcerias são as regras desses jogos de sedução. A maior parte dos conflitos diários acontece por razões passionais, como o ciúme e a traição. "Muitas vezes a interna é heterossexual casada, mas tem uma companheira aqui dentro. Mesmo assim, recebe visita íntima do marido. Isso dá a maior pancadaria. O relacionamento que ela tem aqui dentro fica com ciúme da íntima que ela vai receber", diz outra funcionária da casa.

Mas quem conhece a realidade do presídio sabe que ali também surgem histórias de amor que vão muito além do que se vê no dia-a-dia da instituição. Cássia\*, de 26 anos, e Simone\*, 25, se conheceram no regime semi-aberto, viveram juntas em liberdade e retornaram ao Madre Pelletier. Namoram há um ano e sete meses e fazem planos para o futuro.

Cássia jogava futebol com os meninos desde criança. Foi criada pela avó, que não aceita sua homossexualidade, evidente desde muito cedo. Nunca teve relacionamentos heterossexuais. Gosta de andar à vontade: bermudão, regata e chinelos. A fala mansa, mas firme, compõe seu estilo. Com essas características, possui algo que atrai a maioria das internas do presídio: identidade masculina.

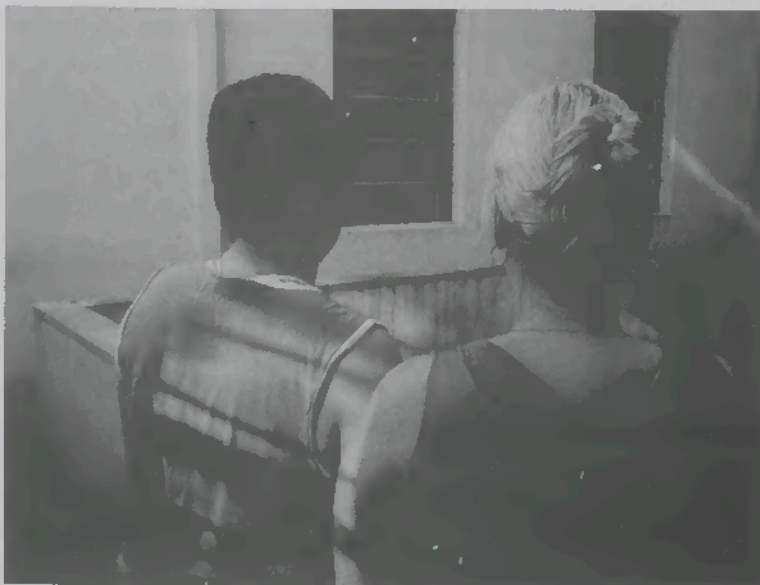


Simone chegou ao regime fechado com quatro filhos e um marido. Cansada do descaso do companheiro, separou-se. As crianças ficaram com a ex-sogra. "Estava cansada dos homens. Meu companheiro vinha me visitar bêbado. Transformou minha casa em um cabaré. Saía com várias mulheres e eu aqui. Quando obriguei ele a confessar tudo isso, me separei", diz. Sozinha, Simone chegou ao semi-aberto carente, e lá conheceu a atual companheira, além de Virgínia\*, interna com quem Cássia tinha um namoro estável.

Simone percebeu que já não existia sintonia entre elas. Cássia sofria com as traições e com o uso abusivo de drogas da namorada. As três se tornaram amigas. "Me tornei amiga da Virgínia só pra saber do que o Cássio gostava", afirma Simone, que usou "ele" para falar da companheira algumas vezes. Durante a entrevista, Cássia também se referiu a si mesma pelo gênero masculino. Simone lembra que, durante as brigas do casal, Virgínia dizia que não gostava mais de Cássia e queria voltar para o marido.

Cássia e Simone acabaram se aproximando. Em uma brincadeira, o primeiro beijo. Cássia terminou o namoro com Virgínia e as duas passaram a viver juntas. A família de Simone as recebeu com tranquilidade. A sogra acolheu Cássia "como uma filha". Os enteados, de dois, cinco, seis e oito anos, a chamam de "Tio Cássio". Depois de um curto período em liberdade, o envolvimento com o tráfico de drogas as levou de volta ao Pelletier. Hoje, Cássia e Simone têm um relacionamento maduro, mas dentro da normalidade que um presídio permite.

Na cadeia elas têm a sua própria "casa", partilhada apenas com uma terceira pessoa quando o presídio está lotado. No momento, dividem o espaço com uma interna antiga, que "deita dormindo", o que permite às duas terem seus momentos de intimidade dentro do "comequieta" – cortina que cerca a cama que dividem – sem serem importunadas. Cássia trabalha no presídio costurando lençóis para hospitais de Porto Alegre, para uma empresa que paga 75% do salário mínimo e ainda gera redução de pena. A firma na qual Simone trabalhava encerrou o convênio que mantinha com a instituição, e agora é ela quem cuida da



"casa". Assiste à TV, toma chimarrão e, no compasso do tempo, ela dança e espera.

Ao retornar para o presídio, no entanto, o casal passou por sérios desentendimentos causados pelo ciúme. "O lugar deixou a Simone meio nervosa, a gente brigava muito. Tivemos que passar pela psicóloga para podermos continuar juntas", afirma Cássia. Para Simone, as discussões do retorno se deviam ao ciúme que sentia do jeito excêntrico de Cássia. "Sei que ela brinca com as pessoas porque se sente íntima. As meninas não entendiam, e diziam que ela fazia as coisas na minha frente e eu não via. Hoje entendo melhor, mas no início foi difícil." Esses conflitos não se resumiram só a pequenas brigas. Agressões físicas e, conseqüentemente, trocas de galerias chegaram a ocorrer.

Para superar aquele momento difícil, elas ainda têm a receita: trabalho com a psicóloga, muita conversa e distanciamento das outras presas. "Tinha que acontecer aquilo para hoje a gente dar valor uma para a outra", afirma Cássia. "Agora somos muito amigas, realmente parceiras, não é o sexo que segura a nossa relação", confirma Simone, garantindo que ambas se sentem mais maduras diante das dificuldades.

Para o futuro, o casal já tem planos. Cássia pretende continuar trabalhando com costura, enquanto Simone quer se dedicar ao lar e aos filhos. "Quando fico com uma pessoa gosto de dar uma vida, de dar carinho", afirma Cássia. "Eu adoro o jeito dela. A Simone assumiu que estava comigo na frente da mãe dela", completa.

A casa onde as duas vão morar com as crianças é um presente da mãe de Simone, que faz questão que o casal more perto dela. "Eu quero mostrar para a Simone que sou o melhor pra ela. Quero sair daqui, trabalhar e dar conforto pra ela e pras nossas crianças", diz Cássia.

\* Os nomes das entrevistadas foram trocados ou omitidos para preservar suas identidades.

# Amores de ganga garotas

Caetano Manenti (caetanomanenti@gmail.com)

Ilustrações por Silas Alves dos Santos

“TU NÃO VAI FAZER NADA QUE NÃO TENHA FEITO ANTES, SÓ QUE ANTES FAZIA DE GRAÇA”

Foi com esse argumento, dito na mesa do bar do Dirceu em 1981, que Roberto intimou Soila para trabalhar em seu negócio, a prostituição.

“Meu mundo caiu.”

Vinda de Santa Maria, no centro do Rio Grande do Sul, a menina que recebia o convite na avenida Voluntários da Pátria, local símbolo da prostituição em Porto Alegre, não esperava ouvir aquilo justamente do homem que mais gostava na vida – talvez da única pessoa que lhe tivesse dado algum carinho de verdade nesses 16 primeiros duros anos de vida de uma guria sem muito dinheiro. O “convite” para se prostituir doeu em Soila, não por ela pensar em estar com tantos homens a cada dia, ou pela perspectiva de uma vida ainda mais difícil a partir de então, debaixo do sereno, trocando seu sexo por alguns trocados. O que machucou mesmo foi aquela tremenda ausência de ciúme, talvez de sentimento, por parte de Roberto. Afinal, ela, até então, se sentia gostada. Senão, por que teriam se mudado, alguns dias antes, de uma pequena pensão para morarem juntos em uma casa em Ipanema, na Zona Sul de Porto Alegre?

“Mas não é que é verdade o que ele disse?”, eu pensei. Eu era muito boba e estava cega de amor. Se ele dissesse que ferro era madeira, eu acreditaria na hora. Na outra noite já fui pronta para a Voluntários para trabalhar. No primeiro dia, era como se só meu corpo estivesse ali, minha alma tinha ficado em casa”, conta.

A alma de Soila fazia questão de ficar na Zona Sul da cidade, junto a Roberto, a pessoa que amava. No entanto, nem ele estava lá. Estava também na Voluntários. Afinal, sua profissão agora era administrar a vida da prostituta Soila, que transava com 35 a 40 caras por dia. “Naquela época, a gente usava um hotel onde o quarto só tinha uma cama, papel e uma cesta. Tu nem se limpava. Os trouxas (como chamavam os clientes) tinham que transar contigo suja de outros trouxas. Trabalhei 13, 14 anos sem camisinha. Tu só te lavava para o teu cafetão.”

O cafetão, no caso, era também o amor da vida de Soila. No entanto, ao ver um armário com roupas femininas em casa, ela desconfiou que não era a única na vida de Roberto. A explicação dada foi que as peças pertenciam a uma ex-mulher, que estava em Passo Fundo. Logo, a dona das peças voltou à Capital, e então Roberto tinha duas meninas trabalhando para si. Renata não só era companheira de Soila na Voluntários, como também ganhou uma casa e um carro de Roberto, abertamente bigamo. Todo o dinheiro das duas, ganho na “batalha”, ficava com o marido-patrão. “Quando eu precisava de alguma coisa, eu ia lá e pedia.”

A descoberta de Renata foi mais um baque no amor de Soila por Roberto. “Eu amava ele 100%, mas agora já estava em 90%”, diz.

A colega de trabalho e de marido se transformou também em melhor amiga de Soila. Embora seguisse apaixonada, ela achava possível suportar o ciúme. A vida se tornava mais cômoda, com casa, piscina e carro só para ela. Já haviam saído da Voluntários para abrir “zona nova” no cruzamento da Vigário José Inácio com a Andradas, bem no centro da cidade.

Soila e Renata foram trabalhar juntas em Santos, no litoral de São Paulo, porque no fim da década de 80 e começo da década de 90, a polícia começou a bater muito nas prostitutas da capital gaúcha. Quando voltaram, uma nova descoberta fez descer ainda mais o medidor que indicava o tamanho do sentimento de Soila por Roberto. O cafetão estava fazendo o negócio crescer. Contava com mais uma garota, Clara.

Ao saber da nova esposa-empregada de Roberto, Soila fez escândalo, atirou pedra no carro do marido, que foi correndo ao Centro.

“Ele disse que me amava e que aquela mulher era só para ajudar nas finanças, que tava tudo muito caro e que a gente precisava de mais grana. Não demorou uma semana, ele botou um apartamento no meu nome. Daí, eu comecei a aprender que cada vez que eu fizesse barraco, eu levava alguma vantagem. Mas meu sentimento já estava em 60%.”

Todas as três tinham casa e carro, tudo separado. Roberto passava uma noite com cada, dando atenção na cama também em sistema de rodízio, nunca juntas. Logo, o cafetão pegou mais uma para trabalhar, Viviane. Já eram quatro. Soila agora via o marido apenas uma vez a cada quatro dias.

“Aquele sentimento de antes baixou aos 20%.”

Já no início dos anos 2000, depois de 20 anos de relação, ainda dando todo o dinheiro que ganhava a Roberto, Soila sofreu a derradeira decepção. O marido a convidou a encontrar algumas mulheres jovens e bonitas para trabalhar para ele. Ou seja, ela agora entraria no negócio como agenciadora, quase uma cafetina.

“O sentimento que era paixão e virou amor de verdade agora significava repulsa. Tomei uma decisão, de um dia para outro. Peguei todos os bens que eu tinha e passei para o nome da Renata. Isso, na verdade, era dar o dinheiro para ele. Se não fizesse, não estaria contando essa história agora. Vendi o carro e fugi de Porto Alegre. Fui trabalhar em Júlio de Castilhos, na Serra.”

Soila ficou mal, teve depressão. Mas, depois, ao conversar com Renata, a única que segue com Roberto, descobriu que o homem ficou desnordeado com sua perda. O megapoligâmico cafetão também gostava dela, afinal.



### “NÃO FAZ COM OS OUTROS O QUE TU FAZ COMIGO”

Essa foi a ordem dada por Alemão a Janete. Isso significava que, de jeito nenhum, ela poderia ter prazer com os futuros clientes do negócio no qual estava entrando por exigência do amor de sua vida. Gozar era traição.

“Se eu não me prostituísse como ele estava querendo, eu o perderia.”

Janete nunca havia vendido sexo. Encontrou Alemão em um bar da “zona” de Porto Alegre ainda na década de 70, quando estava apenas estudando as gírias e trejeitos das garotas que faziam programas. Estudando, mesmo. Atriz, Janete estava com uma peça em cartaz, na qual sua personagem era prostituta. “Quando conheci o Alemão, tremi. Ele era loiro, alto, olhos azuis, um homem lindo. Desde lá, gostei dele. Como o amor vem com vendas, acabei aceitando a condição.”

Janete trabalhava na Voluntários da Pátria e morava em um hotel com o marido.

“Era impressionante: ele tinha muito ciúme do que eu fazia. Quando algum cara demorava a terminar no quarto comigo, eu podia ouvir os passos dele

no corredor, nervoso, e ele gritava: ‘Tá bom isso aí, hein? Isso é ‘poso’, não é programa’. Quando saía do quarto, ele me pegava pelo braço, muito forte, me arrastava para o quarto. Eu achava o máximo.”

Embora transasse com vários homens durante o dia, Janete tinha pressa para terminar a jornada. Queria voltar para casa, onde teria muito sexo de novo, mas com ELE, com Alemão desta vez. E isso a enchia de encanto.

“Com ele era totalmente

### “EU TE COMPRO, ENTÃO”

“Foi a frase que ele me disse quando não sabia mais como me conquistar.”

Leka batia ponto na avenida José de Alencar, no bairro Menino Deus, ainda no final do ano de 2007.

“O Jonny, um dos meus fregueses da época, se apaixonou demais por mim. Vinha aqui todo dia e me convidava para sair, ir a festas, subir o morro para ver a vista. Mas eu dizia que precisava ficar na quadra, para trabalhar e ganhar grana.”

João Lucas, o Jonny, na verdade não tinha muito dinheiro para programas freqüentes. Mas queria Leka todo dia em sua vida.

“Se o problema dela era dinheiro e se ela gostava de mim como dizia, resolvi fazer a proposta. Vendi meu carro e ofereci quase R\$ 10 mil para ela viver comigo e largar a profissão.”

Ela aceitou e hoje moram juntos.

ótimo. Sentia prazer só com ele e era mesmo com ele que eu queria ter prazer. Os outros eram comerciais. O Alemão me chamava de Negona.”

A vida do casal de muitos prazeres (sexuais, sobretudo), entrava em crise só quando Janete pegava Alemão no flagrante.

“Foram dois: derrubei a portã, dei na mulher e apanhei dele.”

A prostituição sem preservativos das décadas de 70 e 80 trazia obstáculos para o casal.

“Engravidei 14 vezes. Quando sabia que o filho era dele, deixava. Quando não sabia de quem era, tirava. Foram dez abortos.”

Dos quatro filhos que nasceram, três são do Alemão. O outro é de um freguês mesmo. A paixão do casal durou 20 anos. Nesse tempo, o sentimento se convertia em muito sexo: em escadas comerciais do centro de Porto Alegre, no mato, na pescaria no Rio dos Sinos.

“A gente acampava. Eu me perdia no meio do mato de propósito. Quando ele me achava, me pegava pelos cabelos e fazíamos ali mesmo. Outra vez fizemos no chão gelado de um barco que descarregava areia. Tinha que ser a qualquer horário, sem hora marcada.”

A fácil alegria no rosto de Janete, no entanto, se foi em 1997. Alemão trabalhava como hidráulico e foi a Canoas, na Região Metropolitana, para um concerto. Um tombo em um bu-

raco na avenida Guilherme Schell fraturou o seu crânio e ele morreu.

“Fiquei em choque, levei um mês para chorar. Hoje em dia ainda me pergunto: ‘Por que ele me deixou aqui?’. Nós estávamos tão bem. Tínhamos planos para largar dessa vida e tudo.”

Janete entrou com um processo contra a prefeitura e ganhou R\$ 130 mil. Dinheiro suficiente para uma casa, mas nunca para trazer o Alemão de volta para sua cama.

Do coração, pelo menos, ela garante que ele nunca vai sair.



# Esporte: Amor e Superação

Kauê Menezes (kaue11@gmail.com) & Thiago Morão (tbmorao@gmail.com)

Fotos por Kauê Menezes . Ilustração de fundo por Thiago Morão

Esporte é algo que está naturalmente ligado ao prazer e ao amor. A grande maioria dos praticantes dedica-se a uma modalidade por opção, tanto no caso dos esportistas profissionais como no dos amadores. O próprio termo amador, inclusive, tem origem na palavra amor. O amador é definido como aquele que ama algo. O proverbial "peladeiro de fim de semana" certamente tem prazer ao jogar seu futebol com os amigos. No entanto, talvez o melhor retrato do amor pelo esporte seja o daqueles atletas que não são profissionais, embora treinem como tais, sem ganhar nada com isso, sem dispor da mesma estrutura e do mesmo apoio.

É o caso de muitos dos praticantes de atletismo que frequentam o CETE (Centro Estadual de Treinamento Esportivo), em Porto Alegre. Cynthia Guimarães, por exemplo, tem 38 anos, é advogada e pratica corrida de longa distância. Começou a correr aos 13 anos, na escola, e nunca mais parou. Treina diariamente no CETE para manter a forma e a qualidade de vida, ter mais disposição no dia-a-dia e "um futuro mais tranquilo" em relação à saúde. Embora dispute algumas provas, como a Maratona de Porto Alegre, não é só o espírito competitivo que a motiva a correr. "É amor, é paixão, é muita vontade. É determinação", resume. Para Cynthia, o esporte é quase um vício. É como se o seu próprio organismo "pedisse" treinamento. "Nunca acordei sem vontade de treinar", conta. Mesmo quando lesionada – e até quando esteve grávida –, Cynthia continuou com sua rotina de acordar cedo todas as manhãs para correr.

Aroldo da Silva Barbosa, militar inativo, corre há três déca-

das. Ele é um exemplo de que, para os atletas, a idade é um obstáculo que pode ser superado. Aos 58 anos, afirma que pretende continuar com o esporte pelo resto da vida. "Envelhecer correndo, esse é o meu lema." Barbosa corre para manter a saúde e considera o esporte um bom meio de interação social, mas o gosto pela corrida também desempenha papel fundamental na sua rotina de treinos. Quando vai iniciar o treinamento, fala para os que estão ao seu redor: "Com licença, vou ao prazer".

Além de saúde e prazer, esporte também é sinônimo de superação, ir além dos limites impostos pelo corpo e pelas circunstâncias. É o que fazem, por exemplo, os paratletas, que buscam uma forma de melhor encarar suas condições e, ao mesmo tempo, reintegrar-se à sociedade. "O esporte facilitou bastante a minha aceitação", diz Luiz Portinho, 35 anos, advogado e coordenador do RS Paradesporto, única equipe de basquetebol em cadeira de rodas de Porto Alegre. Portinho praticou o esporte até os oito anos, quando um acidente de carro o deixou paraplégico. Aos 12, voltou a jogar, dessa vez como cadeirante. A adaptação, segundo ele, não foi tão complicada quanto se poderia esperar. "Para quem já pratica, já tem o esporte correndo no sangue, é mais fácil", explica.

No entanto, a grande maioria dos atletas em cadeira de rodas nunca havia jogado basquete anteriormente. É o caso de Artur Rodrigues, 28 anos, e Roque Moraes dos Santos, 37. Rodrigues, amputado da perna esquerda, afirma que começou a desenvolver a modalidade



há dez anos, "por curiosidade". No início, pensou que não iria gostar, mas, com o passar do tempo e a partir da aquisição de sua própria cadeira de rodas, passou a interessar-se cada vez mais pelo esporte. Hoje, diz emocionar-se a cada cena de basquete de cadeirantes que vê na televisão. Santos, por sua vez, é paraplégico. Há oito anos, pratica o esporte que, segundo ele, contribuiu muito na sua busca por independência. "Antes eu nem pegava ônibus sozinho", conta. Embora more em São Leopoldo, sempre que possível, participa dos treinos do RS Paradesporto no Ginásio Tesourinha, em Porto Alegre. Sonha em montar uma equipe na sua cidade.

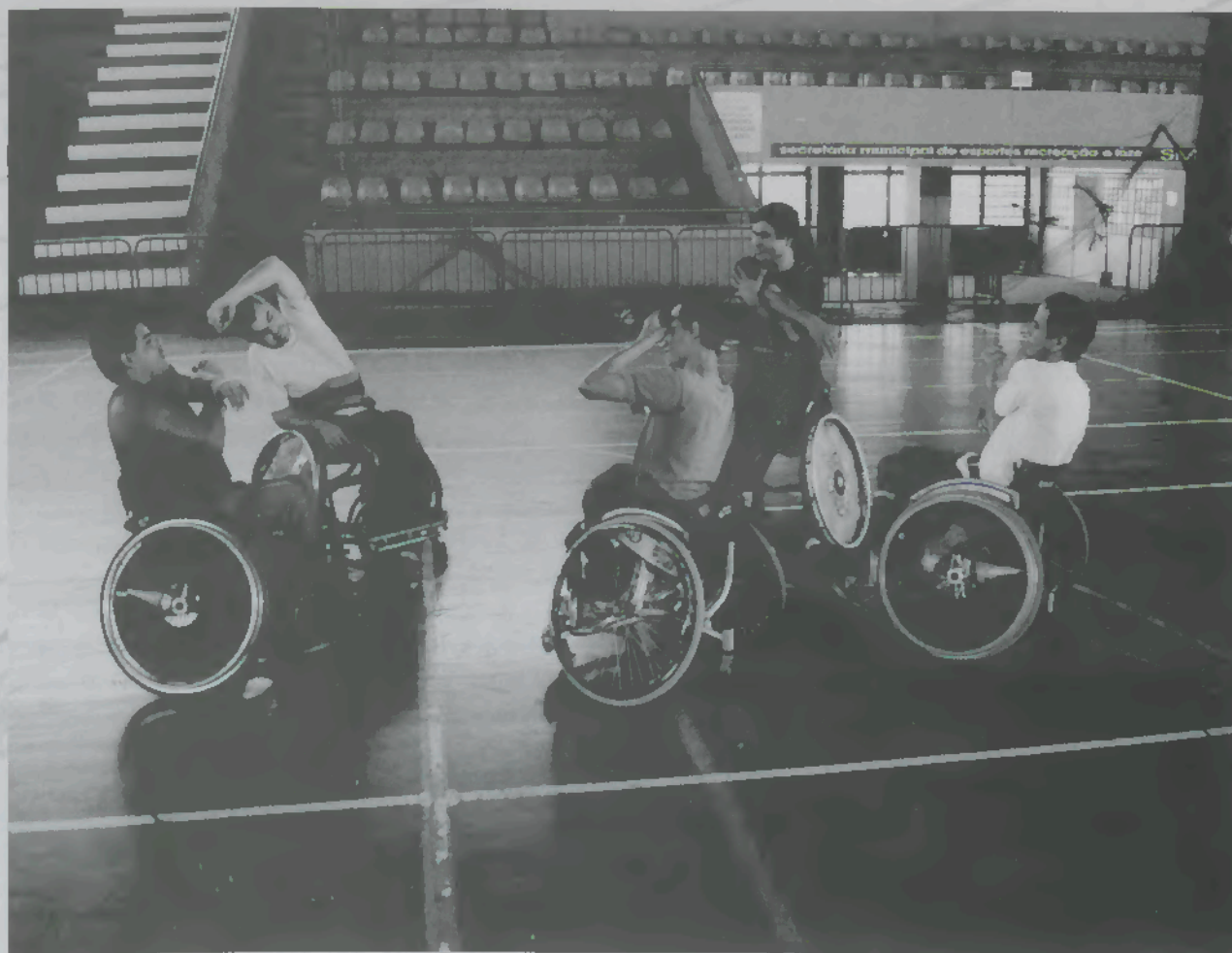
"A vida não precisa acabar depois de um acidente", afirma Luiz Portinho. O esporte pode ser uma motivação para que os deficientes não fiquem o tempo todo em casa, com vergonha de si mesmos, "apenas esperando a morte ou a visita do médico", como ilustra. Ele conta que, muitas vezes, os cadeirantes entram na equipe desesperançosos, mas acabam tomando seus companheiros veteranos como exemplo e começam a realmente gostar do basquete. Portinho declara que, "se não fosse o amor pelo esporte e a vontade de que outros pratiquem, não existiria a associação", o RS Paradesporto.

Outro caso de superação é o dos atletas profissionais que passam por lesões graves. Muitos pensam em abandonar o esporte, mas acabam perseverando. O amor pela profissão é um fator fundamental para essa persistência, como conta Christiane Ritz dos Santos, 26 anos: "Se eu não amasse o que faço, não superaria tantos problemas". A atleta da Ulbra, corredora dos 800 e 1.500 metros, ficou afastada das pistas durante toda a temporada passada, por causa de uma canelite. "Você vê seu sonho indo por água abaixo", diz ela, que chegou a cogitar uma aposentadoria precoce devido à lesão. No entanto, Christiane percebeu que o esporte fazia muita falta em sua vida. Ela voltou a praticar e enfrentou muitas dificuldades, mas não se deixou abalar. "Se fosse fácil, não teria graça", brinca. A atleta afirma que, no fim das contas, seu problema físico só serviu para torná-la mais forte,

juntamente com sua vontade de continuar correndo. "Foi no momento em que voltei que vi o quanto eu amo o que faço."

Já para Luís Fernando Ortiz, 43 anos, ex-pivô do Internacional e da Seleção Brasileira de futsal, a desistência do esporte foi uma realidade. O ex-atleta viu-se distante das quadras em decorrência de uma hérnia de disco torácica que, segundo os médicos, comprimia sua medula e poderia até mesmo deixá-lo paraplégico se continuasse jogando. Ortiz decidiu parar durante a disputa das semifinais da Liga Nacional, em julho de 1996. "Para mim, foi uma dor muito grande. Eu adorava jogar, vivia isso muito intensamente", relata. Mas o seu afastamento durou apenas oito meses. Após um complicado período de aceitação, quando já havia dado outro rumo a sua vida – acabara de participar da fundação da escolinha de futsal do Internacional –, um amigo o convenceu a procurar outro médico, especialista no problema. O diagnóstico foi de que Ortiz poderia voltar ao futsal. Ignorando os possíveis riscos, ele preferiu confiar nessa segunda opinião. Seu retorno a partidas oficiais ocorreu no Mundial de Clubes, em março de 1997, quando o ex-pivô ajudou o Inter a conquistar o título. Encerrou a carreira após mais seis anos de atividade. "Foi a prova de que eu ainda tinha muito a dar ao esporte." Falando de sua volta às quadras, Ortiz afirma: "Não queria abandonar o esporte pelo qual eu me sacrifiquei a vida inteira".

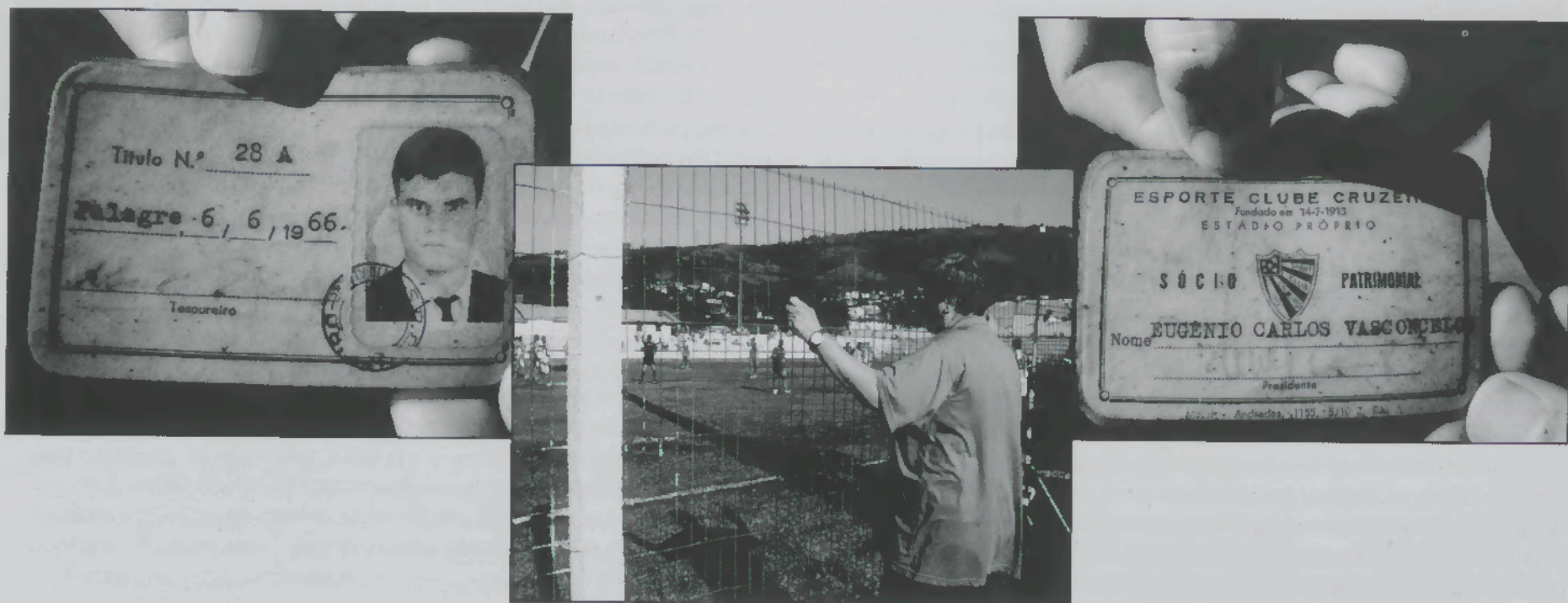
Esse é, aliás, um tema recorrente quando se fala da prática esportiva: "Todo atleta deve fazer sacrifícios", como afirma Cynthia Guimarães. Seja ficando longe da família, privando-se de certos prazeres, mantendo uma rotina exaustiva, enfrentando dores e lesões. "É um convívio com a dor", diz Cynthia, referindo-se ao dia-a-dia do esportista. Para suportar tudo isso, o amor é fundamental. Segundo Ortiz, "não tem como não ser assim, você tem que amar o esporte, senão fica pelo meio do caminho".



# Eu sou Leão da Montanha!

Débora Gastal (deborahsg@gmail.com)

Fotos por Débora Gastal



“Eu torço pra esse time desde que nasci!” A princípio, esta frase pode parecer comum quando se fala de futebol. Principalmente se relacionada a torcedores de times grandes e com boas campanhas. Mas seu significado muda quando o clube do coração é o Cruzeiro de Porto Alegre.

Tradicional, porém esquecido, o Cruzeiro foi fundado em 1913. Por décadas, foi considerado a terceira força do futebol gaúcho. Conquistou os títulos de campeão da cidade de 1918 e 1921 e de campeão estadual em 1929. Além do futebol, o clube destacou-se no esporte amador, principalmente nas modalidades basquete e atletismo.

Por falta de apoio econômico, sua vivacidade foi diminuindo e atualmente o time degusta a amargura da segunda divisão do gauchão. Mesmo assim, o professor de Ensino Médio, Eugênio Carlos Vasconcelos, continua convicto na torcida. “O Cruzeiro sempre teve chance de ir avante. Somente esse problema financeiro que nos impede de passar para a primeira divisão.” E para quem duvida da veracidade da sua crença, ele adverte: “Na minha família, até mim, não tem nenhum gremista nem colorado, e tenho raiva de quem seja!”. Ou melhor, raiva não, já que o professor Eugênio é o último herdeiro da paixão cruzeirense na família, que tinha por tradição ir aos jogos no Estádio da Montanha – a chamada “Colina Melancólica”. Foi da localidade do estádio, o Morro da Pedreira, e do mascote que veio o apelido do time: o Leão da Montanha.

Alto, de cabelos brancos e óculos grossos, Eugênio confessa

que nunca foi muito dado à prática de esportes. “Conhece aquela música ‘eu sou o pirata da perna de pau, olho de vidro e cara de mau’? Pois é, acho que foi feita para mim”, comenta sorrindo, enquanto conta que esta era a música que tocava enquanto sua mãe ia em trabalho de parto para o hospital, em pleno carnaval.

Apesar de não participar nos gramados, o professor sempre acompanhou os jogos do seu timão com avidez, da arquibancada ou pela tela. O Cruzeiro de Porto Alegre fez duas viagens internacionais, nas quais jogou contra diversos times do exterior. A primeira ocorreu em 1953. Na ocasião, Eugênio pediu para seu pai para acompanhar o Cruzeiro na Europa, como presente de Natal. O valor era alto, e seu pai não pôde pagar. Ao invés disso, levou-o ao cinema no dia 23 de dezembro. No intervalo da sessão, para surpresa de Eugênio, foi transmitida a partida entre Cruzeiro e Real Madrid, que acabou empatada. A segunda viagem ao exterior aconteceu em 1960.

Depois de tanta emoção, nada mais natural que escrever para contar o feito. A saga do clube está publicada no site [www.emocoes.no.comunidades.net](http://www.emocoes.no.comunidades.net), que abriga o livro *Emoções*. “Minha motivação para escrever aumentou na virada de 1999 para 2000, quando os jornais fizeram retrospectivas de vários clubes e pouco falaram sobre o Cruzeiro”, justifica, lembrando a importância que uma campanha internacional tinha na década de 50.

Em 1970 o Cruzeiro ganhou seu último título, o de primeiro campeão da Taça Governador do Estado. Quando indagado sobre por que ainda hoje torce para o Cruzeiro, Eugênio responde sorrindo. “Faz 55 anos que o Cruzeiro não perde para o Real Madrid! Quer um motivo melhor que esse?”

# Ben-Hur da Santa Terezinha: uma epopéia afetiva

Felisbela Henriques (henriques.felisbela@gmail.com)

“De noite eu volto pra casa. Um dez da noite, pra ninguém me ver entrar. Entro, abro a porta, vejo ela com as pernas cruzadas, assistindo a novela. Olhando pra ela, sinto uma coisa negativa dentro de casa, como que tomando conta de mim. Eu perdi o encanto por ela naquela noite. Eu não disse o que eu sentia dentro da casa nem dentro de mim. Poderia ter dito ‘não quero mais nada contigo e vou-me embora’. Eu não disse. Tomei um banho, botei uma bermuda, uma camiseta, fiquei encolhido lá no sofá. Ela levantou, foi até mim, muito carinhosa me pegou pela mão, me levou até a cama. ‘O que tu tem? Tu não me beijou e não me abraçou hoje.’ Levantei, fui fazer o café. Ela sentou do meu lado, fria também comigo. Eu disse ‘Amor, tá tudo bem... A gente vai ter altos e baixos. Hoje eu tô sentindo uma coisa negativa me afastar de ti’. Ela me olhou. ‘Tá, vou fumar um cigarro.’ Sorriu, fechou a porta.

Quando olhei Nossa Senhora Aparecida, não consegui rezar. A gente dormiu. Seis e meia tocou o relógio, ela levantou, botou uma roupinha e foi lá servir a mesa pros patrões, arrumar o café, tudo. Voltou. Eu já estava arrumado, perfumado, café na mesa, ali, esperando ela. Veio tomar café comigo, me deu um beijo. ‘Assim que eu quero te ver: sorrindo. Vamos esquecer o que houve ontem. Amor, eu vou deitar na cama, tu deita do meu lado?’ Quando ela foi pra cama, botou o lençolzinho, deitei do lado dela. Eram umas 7h10, 7h15, não me lembro. Um beijo, um abraço, um carinho. Quando vi, surgiu uma relação sexual muito forte. Durante o sexo, ela começou a morrer. Não cheguei a ter meu prazer, nem ela o prazer dela. Estava morrendo. Eu vi

tudo acontecer. O ronco na garganta, o ficar branco, as pernas. Parei, tapei ela com o lençol, botei as calcinhas e tudo. Abri a porta, não achei o jardineiro, voltei e o ronco continuava. Massagem no peito. Voltei pra porta de entrada, não achei o jardineiro. Não tive alternativa, tive que chamar a patroa. Ninguém me conhece naquela casa. Peguei o telefone. ‘D., desce aqui que ela tá morrendo. Eu sou namorado dela, cheguei aqui pra tomar o café.’ Desceu, abri a porta, ela entrou. ‘Ela tá morrendo, chama a SAMU.’ Chamou a SAMU. Demorou a vir. Chegou, botou o corpinho dela no chão. Choque elétrico, injeção. Eu vi tudo, o último suspiro. Deus me levou tudo, eu perdi tudo. Tudo o que pedi, Deus me levou àquela hora.”

Deus levou tudo o que Ben-Hur havia implorado desde o fim de seu casamento de 18 anos. Uma esposa. Uma companheira. A solidão é insuportável para esse artista de rua de 44 anos. Ben quer amor. Sem esse sentimento, ele é um ser deprimido e sem rumo, “à beira da morte”, diz, em lágrimas. Com simplicidade, fala dessa necessidade que lhe provoca desânimo e o faz desabafar com qualquer transeunte da rua Santa Terezinha, perto do Parque da Redenção, em Porto Alegre, onde canta quase todos os dias. Ao lado do Senhor e de seus santos. Sua vida nos últimos quatro anos tem sido um caminho longo e doloroso. Procurando amor, aprendeu a dançar na Casa de Portugal, entrou nos Neuróticos Anônimos e nos Dependentes de Amor e Sexo, da Cruz Vermelha. Consultou astrólogas, fez promessas para Santo Antônio e rezas para Nossa Senhora Aparecida. E, de tanto querer e sofrer, acreditou em milagres, mesmo que breves.

Um mês após a morte da namorada, entrou na igreja e, ajoelhado, chorou. “E agora, meu Jesus? Ou tu me leva, ou faz um milagre na minha vida.”

No mesmo lugar onde conheceu a falecida namorada – e novamente numa sexta-feira – Ben-Hur encontrou o que seria seu novo amor. Uma mulher com os mesmos traços físicos; só poderia ser o esperado milagre em sua vida. Mas esse novo relacionamento não foi um grande amor desde o início, como sonhava o artista. Preces ainda seriam necessárias. Ao transar com a que seria sua nova mulher, reviu a morte da outra. Tinha ainda que conquistar a confiança de sua nova dama, que com ele queria só “ficar”.

Carente, entregou-se a todas as vontades. Ela nunca quis namorar, tampouco viver com ele. Encontros deviam ser sempre marcados. E nunca aos domingos, que ela não queria vê-lo. Ele era xingado se aparecesse sem avisar. Mesmo no papel menor de amante, o tenor do Brique da Redenção já estava apaixonado. Agora, o seu grande medo era perder seu novo amor. Dedicou-se à amada sabendo que dependeria disso para viver.

Ben-Hur conseguiu ser assumido como namorado. Quando tudo ia bem, ele perdeu a ereção. Desesperou-se. No entanto, acredita que seu Santo Antônio o ajudou. A amada ofereceu sua generosa prova de amor. Carinhosamente o consolou e o animou: “Amor, eu dou um jeito. A gente dá um jeito. Te acalma que tem cura. É psicológico. Eu vou contigo no médico”. Ben temia o abandono e a traição. Mas a mulher, que sofreu

nas mãos de um gigolô, que queria apenas um amante, amou e apoiou o namorado durante quase três anos.

Num dia em que sua amada não apareceu num encontro marcado, Ben ligou para casa e descobriu que ela tinha sido levada para o hospital. Havia sofrido um derrame. Naquele momento, começou o novo calvário do sonhador. Passou 12 dias com ela no hospital. Dormindo no chão, cuidando. Ela foi para a UTI. Rejeitado pelos cunhados, Ben viu sua amada ser levada para Pernambuco, sua terra natal. Ben-Hur voltou pela terceira vez para a casa da mãe. Hoje, luta desesperado, canta triste, tentando entender seu destino. Quer reencontrar seu grande amor no Nordeste e lhe dar de presente a batedeira elétrica que ela tanto queria.



# Amor e ciência: existe explicação?

Natália Leal (natalia.levien@gmail.com)

Quando Leoni, em 1985, cantou "ainda encontro a fórmula do amor", um desejo foi traduzido em uma música. A dita fórmula do amor é uma das grandes incógnitas da humanidade. Ela existe? Seria o amor apenas uma série de reações químicas facilmente explicáveis pela ciência? Hoje, grande parte do que acontece em nosso cérebro e em nosso corpo quando estamos apaixonados já foi conceituado pela psiquiatria, pela química e pela neurociência. Os hormônios responsáveis por determinadas reações já são conhecidos, mas ainda não se pode dizer que há uma explicação para tudo o que sentimos.

O amor não pode ser descrito apenas como uma única sensação. Até mesmo no dicionário ele está como um "conjunto de sensações, fenômenos cerebrais e afetivos que constituem o desejo sexual". E envolve infinitas combinações de hormônios e estruturas cerebrais. O medo, a agressividade, o frio no estômago, o olhar perdido. Todos os reflexos da paixão e do apego, esteja ele ligado ou não ao desejo sexual, fazem parte do que a ciência descreve como amor.

Existem estudos antropológicos que relacionam essas sensações com altos níveis de determinados hormônios em nosso organismo. Na Universidade Rutgers, nos Estados Unidos, a antropóloga Helen Fisher demonstrou que a inconstância, a falta de sono e de apetite, a exaltação e a euforia causadas pelo amor estão intimamente conectadas à elevação dos níveis de dopamina e noradrenalina, dois estimulantes neurais

do cérebro, no nosso organismo.

De qualquer maneira, o amor segue sendo um mistério para a ciência. Tanto no que diz respeito às relações que envolvem paixão e desejo sexual, quanto aos relacionamentos de pais e filhos. Segundo o neurocientista e diretor do ICBS (Instituto de Ciências Básicas da Saúde) da UFRGS, Aldo Lución, há muitas estruturas em nosso cérebro e nosso corpo, como um todo, que são responsáveis pelas sensações ligadas ao amor, todas elas relacionados ao SNC (Sistema Nervoso Central). É nele que se processa a sintetização dos hormônios que fazem parte da expressão do nosso sentimento. Outras regiões do cérebro também têm importância fundamental nesse processo. Uma delas é o hipotálamo, uma pequena estrutura localizada no centro do cérebro dos mamíferos, que liga o SNC ao sistema endócrino, sintetizando a liberação dos neuro-hormônios. Apesar de ser muito pequeno, o hipotálamo é extremamente importante na adaptação do corpo às variações externas. É ele que controla, por exemplo, a temperatura corporal, o apetite e a quantidade de água em nosso corpo. Além disso, ele é o principal centro da expressão emocional e do controle do comportamento sexual humano.

A estrutura cerebral dos mamíferos é extremamente complexa. Essa é uma das razões pelas quais não é possível que exista apenas uma fórmula ou uma explicação para o amor, segundo Lución. O que se pode dizer é que os hormônios responsáveis pelas sensações são essencialmente os mesmos. "As bases neurais para as relações entre mães e filhos, homens e mulheres – e até mesmo as relações

homossexuais, ainda que pouco conhecidas – são as mesmas. Há os mesmos hormônios e estruturas cerebrais envolvidos, mas em graus e quantidades distintos", explica Lución.

A química e a neurociência trabalham juntas, buscando identificar os hormônios que nos fazem sentir atração e apego por alguém. Um deles é a ocitocina. Ela é uma das principais responsáveis pela fidelidade. A ocitocina é sintetizada no hipotálamo e está intimamente ligada à vontade que as pessoas têm de permanecerem juntas por muito tempo. A ocitocina também está associada ao reconhecimento de amigos e companheiros de longa data. Quando nos reencontramos com alguém que há muito não vemos, é ela que provoca a lembrança das boas sensações que tivemos ao lado dessa pessoa.

Outros hormônios estão associados à sensação de apego. A dopamina, por exemplo, é extremamente importante em qualquer relação de prazer. Já a noradrenalina é o neurotransmissor responsável pelo reconhecimento e é fundamental nas relações entre mães e filhos. Quando uma criança nasce, a combinação entre os estímulos sensoriais do toque, do cheiro e do olhar faz com que a concentração de noradre-

nalina no cérebro aumente, tanto nas mães quanto nos filhos. É esse estímulo que vai conectá-los pela vida inteira.

Entretanto, estudos da psiquiatra Donatella Marazziti, da Universidade de Pisa, na Itália, dão conta de que o amor seria também uma doença. Essa sensação de mergulhar de forma eufórica em um turbilhão de novas experiências, que tem como resultado a falta de sono, de apetite e a extenuação que todos conhecemos, seria realmente um estado patológico. De acordo com Marazziti, as pessoas apaixonadas e as que sofrem de transtorno obsessivo-compulsivo têm muito em comum, principalmente no que tange à concentração dos neurotransmissores no organismo. "Ambos os estados associam-se a baixos níveis cerebrais de serotonina, uma substância química fabricada pelo corpo que nos ajuda a lidar com situações estressantes", afirma a médica.

Apesar da enorme quantidade de informações que hoje se tem sobre a origem do amor no cérebro, ainda é muito difícil afirmar, tanto para a neurociência quanto para a psiquiatria, onde ele está localizado em nosso organismo. Para Lución, "o amor já esteve em muitos lugares





res e provavelmente continua estando em nossas almas e em nossos corações". E quando dizemos que a paixão muda o nosso corpo não estamos errados. O SNC está diretamente ligado aos nossos corações e, durante o período em que estamos apaixonados, tudo que acontece em nosso cérebro reflete no coração. A produção dos hormônios ligados ao amor faz com que a quantidade de vasopressina, responsável pela dilatação dos vasos sanguíneos, também aumente. Isso faz com que o coração bombeie mais sangue para o corpo, acelerando os batimentos. Então, segundo a neurociência, realmente o amor está em nossos corações, apesar de o centro ser o nosso cérebro. São respostas orgânicas para o sentimento que está no SNC.

Se por um lado as respostas para a fórmula e a explicação do amor ainda não chegaram to-

talmente para a ciência, por outro a certeza é que o amor é necessário para o nosso desenvolvimento saudável. Também não é aceita pela ciência a idéia de que, para cada um de nós, existe uma pessoa certa. Lución diz que "essa argumentação é contrária inclusive à biologia, porque ela não é uma ciência determinista". Segundo ele, o ser humano não é linear a ponto de apenas um pequeno conjunto de características de outrem ser suficiente para nos tocar de forma tão complexa. Há infinitas possibilidades no nosso SNC, e nós somos sempre suscetíveis a elas. A dificuldade em estabelecer uma fórmula que possa se transformar em uma droga para substituir o amor, por exemplo, está justamente na combinação entre as estruturas e os neurotransmissores. Há várias partes nesse todo, e a combinação entre essas partes é infinita e muito mais complexa que a soma

de todas elas.

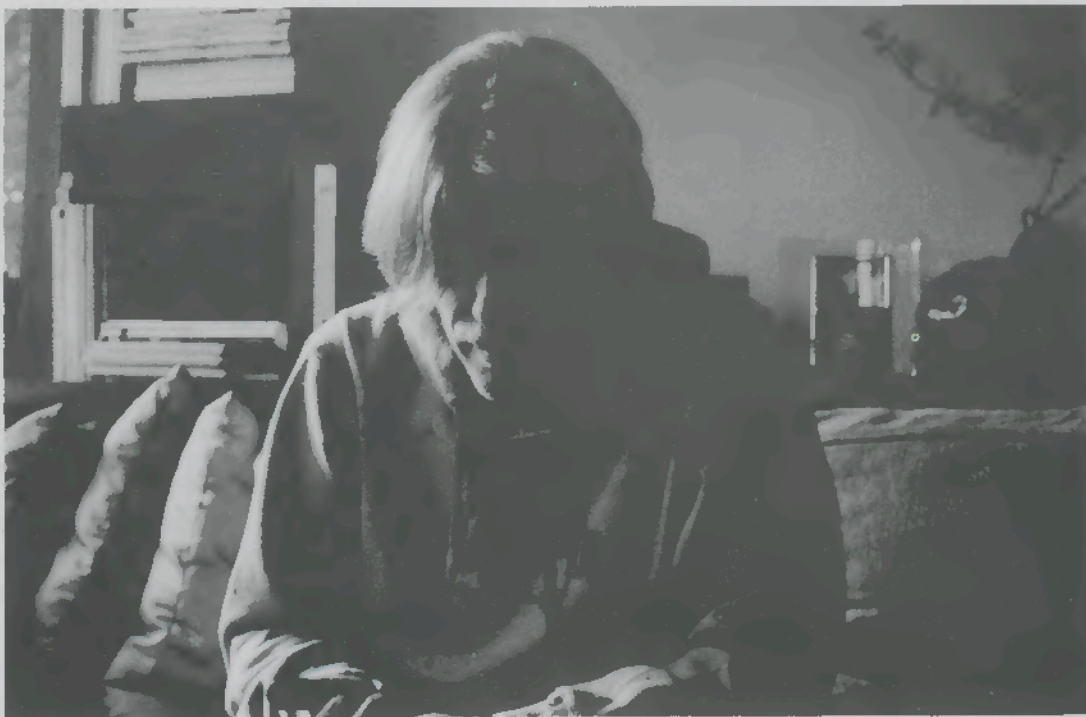
O fato de as possibilidades de combinação estarem dentro de nós é o que dificulta ainda mais essa compreensão. "Os nossos sentimentos não estão em uma nuvenzinha em cima da gente. Eles estão dentro de nós", diz Lución. Essa é a grande incógnita para a ciência.

E mesmo que as rádios deixem de tocar *A fórmula do amor*, continuaremos nos perguntando se há explicação para o que acontece quando mergulhamos em uma das melhores sensações que a humanidade já experimentou. O amor é muito mais amplo que o apego, mas este é fundamental para que o amor exista, e faz parte do desenvolvimento saudável da humanidade. E, como afirma o doutor Lución, "uma vida emocional saudável é tão ou mais importante que uma vida orgânica saudável".



# Não respeite meus cabelos brancos!

Uma Conversa com Humberto Gessinger



Por Alexandre Lucchese (alexandrelucchese@gmail.com), Débora Gastal (deborahsg@gmail.com), Frederick Martins (fred.hillage@gmail.com) & Paula Bianca Bianchi (paulabianchi@gmail.com).  
Fotos por Bruna Riboldi (bruna.angelica@gmail.com)

**E**m uma das últimas tardes de maio, Humberto Gessinger nos recebeu em seu apartamento para uma entrevista sobre um tema que muito se fala, mas pouco se explica: o amor. Com seus trejeitos tímidos, entre coçadas de barba e passadas de mão nos cabelos, o vocalista e principal compositor da banda Engenheiros do Hawaii falou sobre suas canções, envolvimento político, família, idade, tempo e quaisquer outras abstrações que fôssemos capazes de sugerir. E, no olho-a-olho, nos fez perceber: mesmo para quem está acostumado a expressar sentimentos, falar do coração não é tarefa fácil.

**3x4 – Humberto, o que é o amor?**

**Humberto Gessinger** – O que é o amor...

**3x4 – Já entramos de carrinho (risos).**

**HG** – Amor é uma mistura de um monte de coisas... Acho que é um *mix*, por isso que é tão difícil definir. Satisfação, paz, felicidade...

**3x4 – E qual é o contrário do amor?**

**HG** – Pô, o contrário do amor é falta de paz, falta de tranquilidade. O amor é a hora em que a gente deixa de ser um indivíduo. Talvez seja isso, o lance da transcendência. A gente é um indivíduo, não pode compartilhar as coisas mais profundas. Mas o amor faz a gente pelo menos ter a ilusão de estar transcendendo isso: que já não é mais uma pessoa e, portanto, já não é finito. E o contrário do amor talvez seja exatamente o peso de ser finito, de ser uma pessoa isolada, de no fundo não poder compartilhar nada.

Se tivesse que resumir seria isso: o amor é o que te faz transcender as tuas limitações como indivíduo, e o contrário do amor é aquilo que te aprisiona nesse lance de ser indivíduo. Tem aquela imagem de vários peixes em aquários diferentes, cada peixe sozinho num aquário. Talvez o amor faça com que sejam todos peixes na mesma água

**3x4 – O amor está restrito a pessoas?**

**HG** – O amor a uma pessoa é o mais óbvio, porque ali materializa, e tem o lance da paixão. Talvez a palavra *amor* tenha se vinculado a esse tipo de relacionamento porque ele é o mais visível na vida de todo mundo. Mas é uma coisa mais ampla, que tem a ver com o mundo em si.

**3x4 – O amor a si mesmo, o amor egoísta, aprisiona ou transcende?**

**HG** – Ele dá a ilusão de transcendência, mas na verdade é uma grande prisão, porque ele fecha a porta. Amor de fechar a porta não é amor, e amor por si mesmo é amor de fechar a porta. Esse amor obsessivo a uma pessoa só também não considero um amor de verdade. Quem tem

essa obsessão, na verdade, está se projetando na outra pessoa. Está amando a si mesmo na figura de outra pessoa... Vocês fazem comunicação ou filosofia? (*risos*). Próxima pergunta: como se opera um apêndice? (*mais risos*).

**3x4 – Bom, fugindo disso então, como é fazer parte de uma banda que é amada ou odiada?**

**HG** – Eu não tenho experiência de estar em outra banda, por isso não sei como é a experiência de ser uma banda morna. Aprendi a gostar muito disso e até a sentir falta em alguns momentos. Agora, com os cabelos ficando grisalhos, a tendência é as pessoas te respeitarem, o que não é uma sensação muito boa. O lance do respeito não é assim...

**3x4 – Tu gostas de ser vaiado?**

**HG** – Cara, eu raramente fui vaiado. Eu acho que em show foi só uma vez... Foi quando a gente abriu para o Nirvana tocando *Parabólica* no violão de nylon e sem percussão, num momento em que o ambiente pedia coisas mais violentas. E essa vaia é um grande prazer para mim, melhor que várias das palmas, porque é uma vaia de atitude. Agora, dizer

que é bom as pessoas não gostarem de ti é uma grande mentira. O ideal seria que todo mundo te amasse perdidamente, mas ninguém conseguiu isso. Talvez o melhor seja isso: reações radicais. Eu fico bem mais sem jeito quando sai uma crítica falando bem do que quando sai uma crítica falando mal.

**3x4 – Recentemente tu deste uma entrevista para a TVE e disseste que não se deve ter saudade dos anos 80, que não foi tudo aquilo. Mas o amor não era mais escancarado?**

**HG** – Não, acho que o contrário. Pô, os caras me enchiam o saco porque a gente tinha música que falava sobre amor. Era inacreditável. E um tempo depois, mesmo as bandas que falavam da gente começaram a escrever balada. Algumas bandas se orgulhavam de não ter balada. E hoje tu vê as fotos, os caras irados com a maior cara de mau, com guitarras torcidas, e as letras, se tu ouvir, são letras românticas. Hoje está resumido ao discurso interpessoal, de "você", "você". Tu não vê outra coisa nas bandas – claro que não generalizando, generalizar é sempre uma burrice. O relacionamento interpessoal está massi-

ficado. É sem profundidade. Tem muito pouco discurso ambíguo. Ao mesmo tempo, eu vejo que a vida das pessoas é mais ambígua, tu vê pessoas mais diferentes. Mas na música está meio monolítica.

**3x4 – É possível expressar o amor através da música?**

**HG –** Se tiver alguma maneira certamente é a música. E certamente não será o cinema. Com muito boa vontade, a literatura Mas a música é o *top* de linha, e eu falo em música no geral. Desde bater coco, berimbau, música instrumental, clássica... O problema da música foi o mesmo que rolou com o romantismo. Para mim, barroco é o auge, não se andou um metro depois daquilo (*risos*). Depois veio a coisa romântica do classicismo e da música virar autoral. Por exemplo, Bach não assinava as músicas dele e não tinha essa noção de ser compositor, ele pegava e adaptava o tema de alguém... o cara andou dois dias para ver um concerto de órgão. Andou a pé dois dias, cara! Imagina tu ficar andando dois dias. Foi de São Paulo a Porto Alegre quase (*risos*). Imagina com que paixão ele ouviu! Hoje em dia, o que pode causar tamanha descarga de adrenalina numa pessoa? Só um matar o outro, eu acho. As emoções ficaram muito banalizadas. Aí tu fica cada vez mais violento. Em tudo: na sexualidade, nas idéias... Tem gente com umas idéias muito extravagantes, tu só consegue entender porque é uma necessidade de ser original; e, como tudo já foi feito,

a originalidade vai ficando uma coisa absurda.

**3x4 – E o amor nas artes não é muito “da boca pra fora”?**

**HG –** É, mas eu acho que a arte tem que ser uma maquete, e tem que ser uma representação alegórica. A gente corre o risco de estar vivendo um período muito documental. A verdade é tida como um valor em si, estético. É uma bobagem isso. Se tu quer elogiar, tu diz que é verdadeiro. Tudo bem, “verdadeiro” é um atributo respeitável de uma obra de arte, mas não deveria ser o que julga.

**3x4 – Tu não és verdadeiro na hora de compor?**

**HG –** Eu sou. Mas olha só: eu não queria que isso fosse o que diz se minha música é boa ou não. Acho que a habilidade de expressar algumas emoções é uma boa maneira de julgar. Do artista *pop* de hoje se exige que ele seja verdadeiro no pior sentido, ño sentido “revista Caras”: a Madonna tem que escrever sobre o filho dela, ela não pode escrever sobre um filho hipotético. Hoje em dia o que se quer é que tu escreva na primeira pessoa, isso pode ser extremamente limitante. É como se um pintor tivesse que pintar o auto-retrato a vida inteira. Tu tem também uma deformação no Brasil, que é a coisa de o artista ser articulado e ser bem-informado. Uma pergunta que todo mundo me faz em entrevistas é: “O que tu anda ouvindo?”. É a pergunta mais imbecil que eu já vi. O que o cara quer que eu diga?! Qual é a onda do momento?! (*risos*)

**3x4 – Essa não está na nossa pauta! (mais risos)**

**HG –** Mas tu vai te formar e ano que vem vai vir aqui fazer uma matéria, e teu editor vai te pedir pra informar isso, e teus leitores vão querer que tu diga. É um clichê, mas existe por quê? Porque no Brasil se misturou, nos anos 70 principalmente, um lance da informação, da resistência e tal – e nos anos 70 a gente



teve uma geração privilegiada, Caetano e Chico. Então o cara falar qual é a novidade, o que é certo e o que é errado, essa atitude “caetanística”, acabou virando o padrão. Agora o momento é outro. Hoje a informação está a um clique. Já não é mais ter informação ou não o que te diferencia, é como tu transforma isso, é que tipo de liquidificador tu é. Cada vez eu valorizo mais esses artistas que não sabem falar e que são assim meio Garrincha. Ele não sabia explicar os dribles. Eu fico com pé atrás quando vejo alguém explicando muito bem o que faz: “Esse ano nossa influência inglesa e não sei o quê”. Não é a racionalidade o nosso campo de jogo.

**3x4 – Como é esse lance de amor aos filhos? Ontem eu estava no Messenger e perguntei para o pessoal o que eles queriam te perguntar, e todo mundo dizia: “Pergunta o telefone da filha dele!” (risos).**

**HG –** Isso é engraçado, demora até a gente aprender que o filho é pro mundo. Esse amor é bem mais reacional, difícil de entender. Ele mistura um pouco aquele amor a ti mesmo. E a tendência que todo mundo tem de querer que o filho seja teu esboço passado a limpo é perigoso.

**3x4 – A tua carreira atrapalhou em algum momento a tua relação familiar?**

**HG –** Não por ser carreira, mas por eu morar no Rio Grande do Sul, sim. Nosso centro gravitacional é o centro do país. Essa distância dificultou bastante. Por outro lado, eu morava no Rio quando a Clara (*filha*) nasceu. Eu podia ter continuado lá, mas eu não sei, cara... Comecei a ouvir ela falar com sotaque carioca e achava muito estranho. Aliás,

ela tinha sotaque nordestino, porque a babá era nordestina. Quando eu viajava, ficavam só as duas e não tinha família lá, que eu valorizo muito. Pô, uma coisa que não se pode perder é a relação com gente de mais idade. Algo fundamental é criança e adolescente ter convívio com gente velha. Não é nem questão de aprender, é a relação entre dois pontos da vida que parecem opostos, mas são muito parecidos. As pessoas com idade tendem a ficar com um humor mais maluco, meio infantil. No Rio ela não teria isso.

**3x4 – Tu és casado desde o começo do Engenheiros. Existe tensão por estar sempre viajando?**

**HG –** Hoje fico até mais tempo fora de casa por eu estar morando aqui. Mas não consigo imaginar uma relação sem ser monogâmica. É igual a jogar futebol com 13. Dá pra jogar? Dá. Mas não acredito, porque ali é a hora de tu ter o cúmulo da sinceridade. Ser sincero como não se deve ser. E aí é fundamental que seja uma pessoa, pra ser olho no olho. Agora, claro, tu pode te relacionar com um monte de gente. Mas acho que com a monogamia é muito melhor. É um mito que a gente tem hoje em dia, é um absurdo falar em monogamia, porque não é o tom da música que está rolando...

**3x4 – Tu acreditas no casamento, então?**

**HG –** Ah, acredito sim. Acredito como acredito num time. Tu torce para o time quando está na segunda divisão. Tá, “tamo envelhecendo?": tamo envelhecendo, sim, é isso aí. “Tamo de mau humor?": tamo de mau humor, é isso aí. Porque tu quer o quê? Só doce? Não vejo muita graça



numa relação onde só existam coisas bacanas.

**3x4 – Tu gostas da provocação e da adversidade em todos os sentidos da tua vida, então?**

**HG –** Acho que sim. Isso aqui é um vale de lágrimas, mas a gente tem que tomar essa afirmação com bom humor. Ninguém disse que é fácil viver, e isso não quer dizer que a gente deva sair cortando os pulsos. A gente vive numa época meio Prozac, né? Eu estava nos EUA uma vez, gravando *Simples de Coração*, e tinha uma propaganda que eu não entendia. Era um ponto de interrogação andando e no fim aparecia "sabor tutti-frutti". E aí me explicaram, era propaganda de Prozac para crianças. E eu: "Caraca, que merda!". A gente vive uma geração que tem medo de ter medo, tem medo da dor. Eu tive uma formação católica, esse lance da dor é bem presente. E acho que isso faz parte.

**3x4 – Tu casaste no religioso, Humberto?**

**HG –** Não, só no civil.

**3x4 – E a religião é importante na tua vida?**

**HG –** É, mas tenho um problema com a formação da religião católica. Acho muito mundana. Isso do casamento... E mesmo a infalibilidade papal, fico de pé atrás. Então nunca levei muito a sério. Várias vezes pensei em ir pra algo mais luterano, mas sempre alguma coisa me travou.

**3x4 – Mas e o amor a Deus?**

**HG –** Eu acredito nesse Deus de barba comprida, que assopra nuvezinha. Na verdade eu acredito em Papai Noel também! (risos).

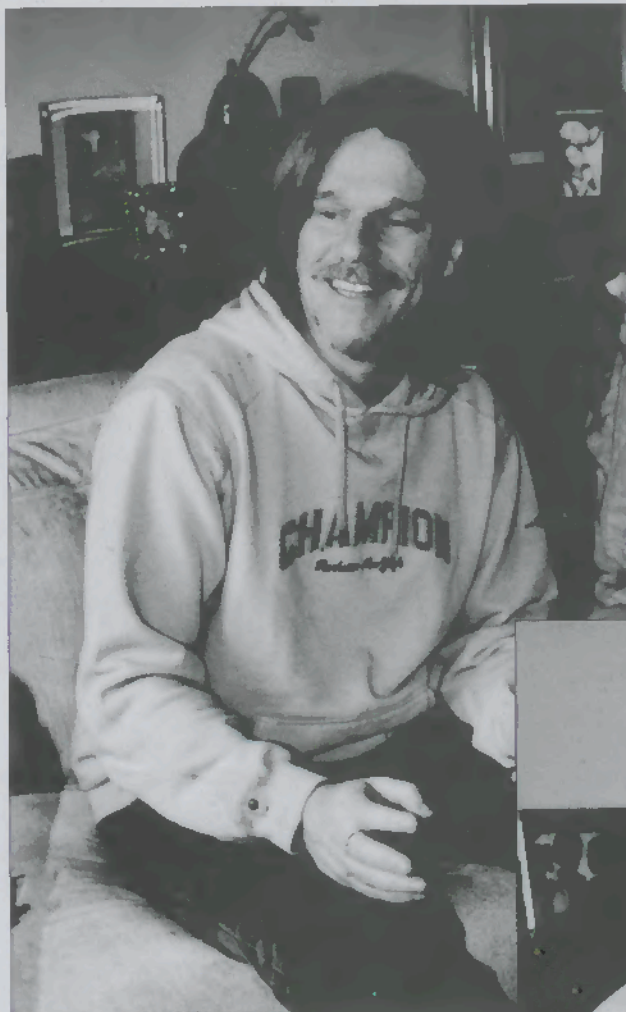
**3x4 – Tu escreveste um livro para crianças sobre o Grêmio. É possível amar um time?**

**HG –** É possível, sim. É possível amar um time, um instrumento musical, um artista, um cachorro. Mas o que me irrita é que

se criou um clichê de torcedor gremista que não tem medo de nada e passa por cima de tudo. Não acho parecido com amor essa coisa chauvinista. Isso me fez pensar muito na hora de escrever, não queria reforçar esse clichê do gremista machãozinho. Acho que consegui.

**3x4 – Mas isso não tem a ver com paixão? Paixão é amor?**

**HG –** Todo mundo diz que não,



que a paixão é um lance mais intenso e efêmero. E também tem a amizade. Acho que não é simplesmente uma mudança de volume, acho que é uma mudança de sonoridade, de timbre também. Amor é algo extremamente inteligente, é o supra-sumo da inteligência. A paixão, não, é outro tipo de relação. A paixão tem uma ansiedade que o amor tende a aplacar.

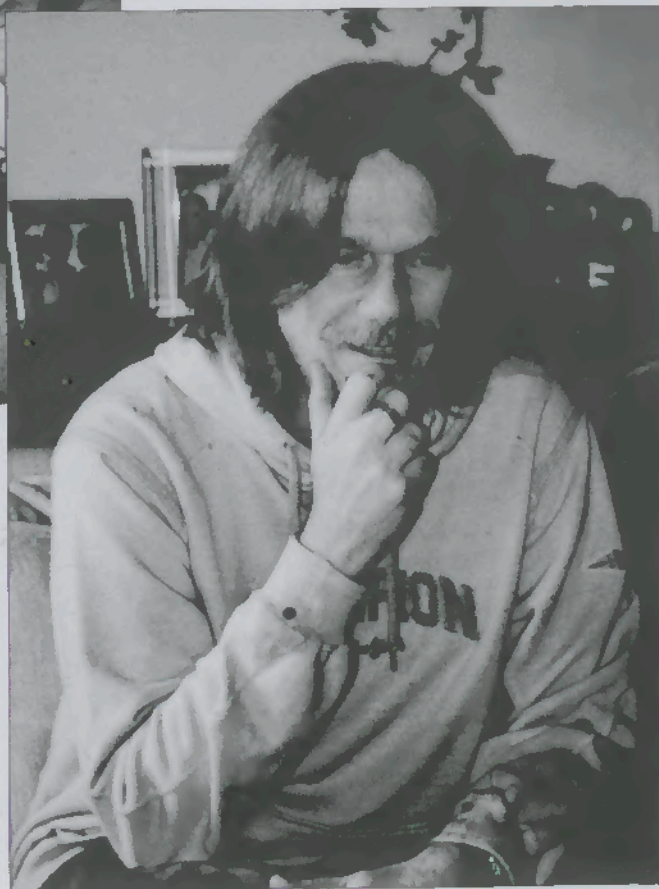
**3x4 – Tu já foste uma pessoa que se apaixonava mais fácil?**

**HG –** Acho que sim, com o que isso tem de bom e de ruim. A gente tende a ficar numa histeria emocional às vezes, e hoje não é assim. No início tu desconhece o tempo. Ele não faz parte do teu trabalho nem para o bom nem para o ruim. A morte não existe na nossa mente. Quando tu vai ficando velho, ela fica mais

real, e o tempo começa a entrar na tua jogada. Tem músicas que faço e sei que não são para agora, mas eu gosto que não sejam. Ou talvez sejam músicas que eram para o passado. As pessoas só enfatizam o lado ruim de envelhecer, mas esse é um lado muito gostoso. Tu escreve músicas e ninguém entende, e tu fica tranquilo: "Um dia vai chegar algum maluco e vai entender".

**3x4 – Tu achas que o amor envelhece, desgasta?**

**HG –** Acho que amadurece. Tu começa a perder o lance possessivo e começa a te gratificar com menos, com o instante. Quando a gente é jovem, quebra o instante: tu quer namorar aquela garota, quer que o mundo mude, quer meia entrada no cinema, quer um carro bacana, e tu quer tudo agora e para sempre. Depois, mais velho, um momento bacana



fica reverberando na memória. O tempo começa a entrar na equação. Tem uma analogia que eu gosto bastante, que é do relógio analógico e do relógio digital. No digital tu só vê aquele momento, e no analógico tu vê a hora anterior, o ponteiro é que move, o tempo está ali. Com o tempo, tu começa a te ver como um ponteiro. Quando é moleque, vê o relógio digital, tudo é aquele instante.

**3x4 – Qual a diferença entre amizade e amor?**

**HG –** A amizade é pouco valorizada no mundo em que a gente vive. E é a mais difícil entre as três. A paixão é meio hormonal, tem raízes em partes específicas do cérebro. O amor dilui isso, e a amizade, para mim, é a mais surreal de todas. A amizade de tu conhecer uma pessoa, ficar 12 anos sem encontrar ela e, quando encontra, reata a conversa de onde tinha parado.

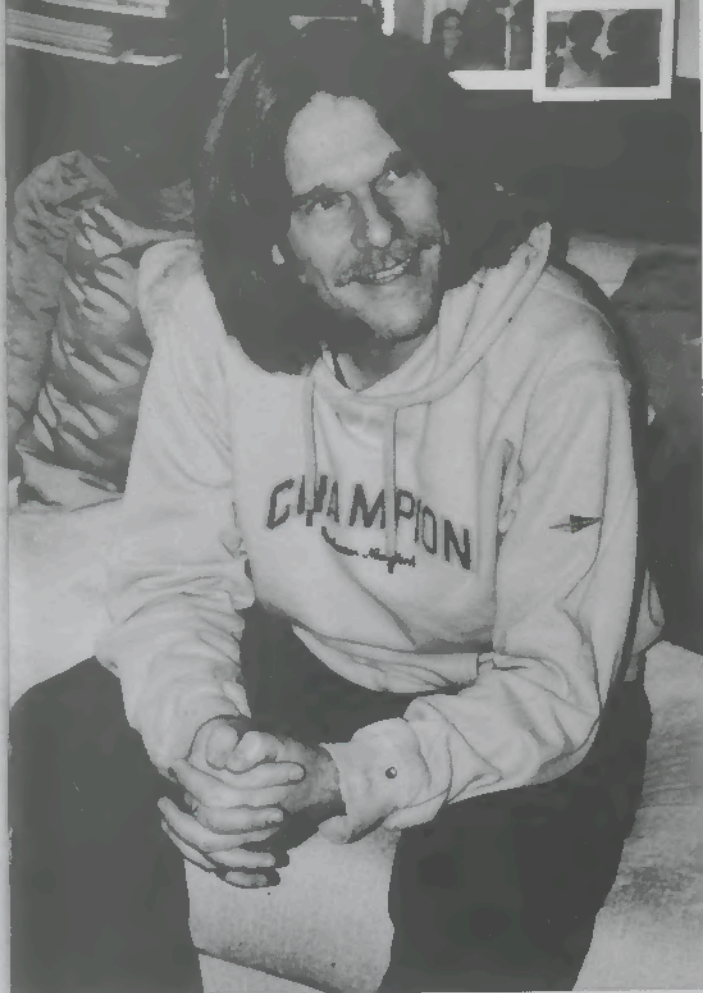
**3x4 – O Maltz disse em uma entrevista que vocês nunca foram amigos durante a banda, que isso veio depois. Como foi?**

**HG –** Mais por culpa minha, não sou uma pessoa de muitos amigos. E se tu for encarar a amizade como ir na casa um do outro para jantar, nesse sentido não tinha mesmo. Eu nunca fui na casa do Augustinho (*Licks*, ex-guitarista da banda), fui poucas vezes na casa do Maltz, mais porque a gente ensaiava ali... Numa banda

a comunicação é tão violenta e passa por outros canais, que ter uma amizade de sair para jantar junto fica até superficial. Sou muito fechado e não tenho o que se chama de inteligência social. Não sou uma pessoa agradável pra tu conversar (risos). Não sou interessante para o que chamam de *small talk*... Fica um abismo entre uma resposta lacônica ou falar muito sério. Acho que ser socialmente inteligente é algo que tu aprende na infância e adolescência. E eu não tive esse aprendizado, sou bem tosco nesse sentido.

**3x4 – Frente a essa timidez, como fica a tua relação com os fãs?**

**HG –** O que acontece com a banda hoje é que tem fãs que conhecem a gente, e aí ficam fãs bem legais; e fãs superficiais, que sempre rola um estranhamento, né? Acho natural. Qualquer artista que tenha tanto tempo de estrada tem. E tem também aquele fã que te viu na TV e quer ter um pedaço da TV na máqui-



na fotográfica dele. Eu sei que ele não é fã pelo meu trabalho. Com tempo a gente aprende a ter essa frieza. Com o tempo a gente aprende a ter essa frieza. Agora, sei quando o cara está numa churrascaria e bate uma foto sem saber se eu sou a Paula Toller ou quem (risos). Já entendo, ele quer uma foto de alguém que está na Globo. Tudo bem, ele tem direito. Mas já não vinculo isso com o meu trabalho.

**3x4 - Tu já pediste autógrafo, Humberto?**

**HG -** Pedi para um cara que era goleiro do Grêmio e estava veraneando ao lado da minha casa, em Xangri-Lá. O Picasso. E pedi para o Brizola, num vôo, e fui vaiado, cara. Todo mundo odiava ele no Rio.

**3x4 - Vocês fizeram comício para ele?**

**HG -** A gente fez dois comícios de graça pra ele. Nós e o Arthur Moreira Lima (pianista). Cara, o que eu aprendi nesses comícios! Foram em Curitiba e Maringá. O partido não tinha estrutura nenhuma, um caos. E na época o Collor vinha correndo. Os comícios dele eram todos certinhos, com Xitãozinho e Xororó e o maior cenário do cão. Aí, um dia antes do comício em Maringá, veio um cara da campanha e disse: "Viram o programa do Collor? Pô, agora ele entra pelo meio do público e sobe pela frente do palco. E aí é a maior cena

do caralho, ele vem pelo povo! Nós vamos fazer igual!". Eu olhei o palco: "Caraca! Eles vão fazer igual!" (risos). Aí estávamos tocando, acabou e o cara falou: "Toca mais que o governador não chegou!". Tocamos mais. Dali a pouco vi uma confusão. Tinha chegado o Brizola e os caras estavam tentando fazer daquele jeito. Só que o Collor tinha o maior marketing atrás, era tudo ensaiado. Cara, de repente jogam o Brizola no palco! Ele gritou: "Aaaah!! Aaah!! Me machucaram!!" (risos). Era hilária aquela campanha. Hoje eu dou

graças a Deus que ele não se elegeu, porque eu me responsabilizaria. Não era uma onda muito racional. Era um lance meio poético, meio caudilho, de visionário. Era um cara bom pra estar no ambiente.

**3x4 - Tu apoiavas sem esperar que ele se elegeesse?**

**HG -** Ele não tinha chance, né, velho? Ele saía do Rio Grande do Sul e não tinha chance! O Brizola quase não tinha partido, era um caos. E tinha um monte de picareta atrás dele. Mas ele tinha isso do visionário. Todo mundo cercado de pesquisas, tudo científico e ele nem aí. O programa de TV dele era parado e não tinha fundo. Pô, ele queria proibir computação gráfica na revista Veja. Isso é maravilhoso (risos). Claro que é uma bobagem, mas olha o que ele estava falando... Faz sentido! Ele sabia que, se colocar um dragão com a cabeça de um cara tem um discurso rolando que vai além do texto.

**3x4 - Tu escreveste uma música sobre o livro do Scliar, O Exército de Um Homem Só. Tu acreditas no "amor à causa"?**

**HG -** Acredito. No sentido de que uma causa pode dar sentido a tua vida, e que possa fazer aquela transcendência que a gente falou no início. E mesmo quando a causa é perdida. Pô, um cara que lutou pelo socialismo real. Caiu o muro e ele se deu conta de que aqui-

lo não era realizável. A vida dele não foi perdida. Acho que a tua causa ser perdida não quer dizer que a tua vida foi em vão.

**3x4 - Hoje tu tens algum envolvimento político?**

**HG -** Hoje não. Esse ano, o presente de aniversário que a Clara pediu foi tirar o título de eleitor. Me lembrei de como eu era quando adolescente, acompanhava muito e tal. Mas fiquei assim porque ela vai começar a acompanhar justamente em um momento que eu não valorizo mais a instância partidária. A política partidária virou a ponta do iceberg. Já não é o campo onde se pode mudar alguma coisa.

**3x4 - No teu último álbum, uma música se chama *Eu não consigo odiar ninguém*. Tu não achas que as palavras *amar* e *odiar* estão em uma paridade de banalização?**

**HG -** Essa música é porque eu sou um hippie velho (risos). Mas estão, né? O ódio pegou o estigma de ser algo inteligente, e o amor, emocional. Quando todo mundo diz que odeia, parece que o cara pensou um monte e chegou à conclusão de que aquilo é uma merda. Acho que os dois são iguais, os dois são racionais e irracionais ao mesmo tempo. Essa falta de simetria do ódio em relação ao amor é o que me irrita. Sempre vão achar mais inteligente alguém que fala "eu odeio isso" do que alguém que fala "eu amo isso". O ódio ficou com a imagem de ser algo mais legal, revolucionário. E de fato é. O amor, em certa medida, é conservador. Eu vejo pelo amor que os fãs têm pela banda, eles não querem que nada mude.

**3x4 - Tu achas que alguma mu-**

**lher já se apaixonou por Humberto Gessinger pelas músicas que tu escreves?**

**HG -** Cara, espero que sim. Se há algo pelo qual vale a pena se apaixonar, é a música. Se apaixonar no sentido de compartilhar e querer saber qual é o próximo passo do artista, e achar que o artista é teu. Não conheço ninguém que seja artista sem ter sido fã. Gera a mesma nota, ser fã e ser artista. Então, pô, espero que alguém tenha se apaixonado. E espero, também, que saiba que é apenas uma representação. Um mundo só de notas musicais seria um mundo maravilhoso. Mas a vida real às vezes não é isso.

**3x4 - É possível amar alguém que não se conhece de verdade?**

**HG -** Quando tu ouve demais, tu acaba conhecendo. A grande dificuldade é que as pessoas te encontram num pé de desigualdade. Elas te conhecem muito mais do que tu pode conhecer elas. Se eu encontrasse meus ídolos na rua, acharia que eles me conhecem muito bem, porque eu compartilhei muitas emoções com eles. Recebo muitos e-mails falando: "Estou numa encruzilhada, não sei se caso ou compro uma bicicleta". Seria fácil pra mim dar palpite. E eu sempre digo: "Cara, infelizmente não te conheço". Muita gente acha que é frio, mas é verdade! É o melhor que eu posso fazer. Belchior dizia que "qualquer canto é menor que a vida de qualquer pessoa". A gente busca essa ilusão de que a música é uma coisa muito perfeita. Mas talvez tenhamos sempre que cair na real que qualquer vida é sempre maior que qualquer canção.



# Pra não dizer que não falei de Flores

Alexandre Lucchese (alexandre.lucchese@gmail.com)  
Fotos por Alexandre Lucchese



*duma montanha  
de capim e cardo  
ela separou cinco hastes poeirentas  
de flores do campo azuis e irregulares  
e as colocou na minha cozinha  
num jarro.*

**D**e todos os lados vêm carros, ônibus, motos, ambulâncias. O túnel expela alguns pela direita. Outros caíam nas nossas cabeças, não fosse o viaduto. Com pressa, ela derruba uma moeda. Com mais pressa, ajunta antes que o molequinho do meio-fio alcance o olho. Vai ficar bonita ao lado da cama, um pouco para a esquerda, assim a armação do soro não esconde e todo mundo que entra pode ver. "Ai esse vasinho! que mimo." E sai abraçada no suporte de madeira feito pelo artesão de Cachoeirinha, respirando o pouco que resta de frescor do húmus de há mais de mil quilômetros atrás. Mas que surgiu ali, *plim*, por milagre.

\*\*\*

- É dois pila a rosa, né?

- Não, sobe no dia das mães, tá três.

- Mas não é pra minha mãe.

-... tá... pra ti eu faço por dois então.

\*\*\*



*O branco açúcar que adoçará meu café  
nesta manhã de Ipanema  
não foi produzido por mim  
nem surgiu dentro do açucareiro por milagre.*

(...)

*Este açúcar veio da mercearia e tampouco o fez o Oliveira,  
dono da mercearia.*

*Este açúcar veio de uma usina de açúcar de Pernambuco  
ou no Estado do Rio  
e tampouco o fez o dono da usina.*



**N**ão foi dentro dessa Kombi que essas flores nasceram e cresceram. Elas estavam na Ceasa e, antes de virem para a estante da loja, estavam aguardando dentro de um baú de caminhão transformado em refrigerador, bombeando oito graus Celsius o dia inteiro, durante oito dias, para elas não apodrecerem tão rápido. Antes disso, estiveram ocupadas nascendo num campo de Holambra, lá em São Paulo. E também estiveram na estrada, e pararam em frente a uma boate na beira da rodovia por algumas horas. O caminhoneiro voltou puto e rodou a noite inteira. Remoía o pensamento de que, durante uma vida inteira, ainda não tinha conhecido uma mulher sequer que valesse a vergonha de comprar uma rosa.

Dona Sônia vê a Kombi chegar embaixo do viaduto em que trabalha vendendo as cargas trazidas. É assalariada, e bem que gostaria de ganhar uma comissão nas vendas. Ela e o marido se ajudam para criar o neto, lembrança boa que o filho morto ainda muito jovem deixou. O velho já não pode trabalhar, recebe só um salário mínimo da aposentadoria. Ela também recebe um mínimo da Previdência, mas entrou há pouco na Justiça porque tem certeza de que o certo seria ganhar mais.

O moleque já é um rapaz, 18 anos. Talvez vá para o quartel, talvez faça um curso técnico. Dona Sônia vai fazer 68 anos esse mês. Sai de casa todo dia às seis da manhã para estar no ponto às sete e meia. Depois que ela chega, o guarda que fica vigiando a mercadoria durante a noite pode ir descansar. E ela fica pensando no curso técnico e no quartel, e no neto que podia se decidir logo. O barulho dos carros é um rosnar constante, agressivo, um lembrete de que em algum tempo o filho do filho vai estar sozinho, e vai precisar ladrar com força para sobreviver entre cães e carros.

\*\*\*

*Me vi dentro duma grande concha concreta  
iluminada por lâmpadas de vidro, com ar bombeado  
dentro, com pavimentos ligados por escadas rolantes.  
Eu estava cheio das coisas compradas e feitas  
no século vinte. Dispostas em expositores  
ou prateleiras  
As multidões de gente desse século, com seu estilo,  
roupas feitas em máquinas,  
Trocando todo seu precioso tempo  
por coisas.*



**M**e vi dentro de uma grande caixa refrigerada  
iluminada por lâmpadas fosforescentes, com ar bombeado  
dentro, em estantes ligadas por uma barra de latão.  
Tinha meus cem braços apertados por coisas  
do século vinte. Envolto em plástico negro  
ou transparente.  
Um vaivém desses que tropeçam mas insistem em dirigir, com seus estilos,  
eles vêm em série,  
Trocando seu precioso tempo  
por flores.

\*\*\*

Sabe por que é foda de trabalhar com flor? – ele resmunga com o palito já lascado entre os dentes – Porque não dá pra empilhar.



#### Poemas em itálico:

\*1...excerto de Yase: **Setembro**, de Gary Snyder, presente na coletânea snyde-reana **Re-habitar: ensaios e poemas**, organizada por Luci Collin e Sergio Cohn, tradução de Luci Collin, publicada por Azougue Editorial.

\*2...excerto de **O açúcar**, de Ferreira Gullar, do livro **Dentro da noite veloz**, publicado por José Olympio Editora.

\*3...texto integral de **O comércio**, de Gary Snyder, também da coletânea **Re-habitar: ensaios e poemas**.



O amor para mim é o que tu necessitas que seja o amor: às vezes é rir, às vezes compartilhar e às vezes sofrer. O amor não tem critérios nem regras, ele somente é. Amor é algo em que não temos que pensar. O amor é como um câncer no coração. É se importar com alguém mais do que consigo mesmo! **Companheirismo. Confiança. Respeito. Atração. Sonhos. Loucuras. Sexo. Esperança. Cuidado.** Amor é enviar cartas, não e-mails. É confiar que, depois de cada nuvem, o Sol vai brilhar novamente. Amor é respeitar os direitos do outro. O amor é a única coisa no mundo que pode explicar o inexplicável.

(tradução do manifesto da página 3)

## MANIFESTO PELA UNIVERSALIDADE DO AMOR

